

3º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESCOTEIRA

15 A 17 NOVEMBRO DE 2024 · NATAL-RN

ANAIS



ESCOTEIROS
DO BRASIL



ANAIS DO 3º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESCOTEIRA

MARÇO DE 2025

Diretoria Executiva Nacional

Ivan Alves do Nascimento
Irineu Muniz de Resende Neto
Carmen Barreira

Comitê organizador

Renata Swany Soares do Nascimento
Ivan Alves do Nascimento
Vitor Augusto Gay
Aline Teixeira Conde
Marcos Carvalho

Comissão Científica

Marcos Carvalho
Aline Teixeira Conde
Profa. Dra. Cláudia de Oliveira Cunha, - UFRN
Profa. Dra. Tatyana Mabel Nobre Barbosa - UFRN

Diagramação

Raphael Luis Klimavicius



Apresentação

O Movimento Escoteiro no Brasil, há mais de 100 anos, tem colaborado com a formação de cidadãos úteis, conscientes e comprometidos com um mundo melhor.

Caracterizado como movimento de educação não formal, o escotismo possui um programa consolidado, com currículo e metodologias próprios que visa, através de atividades em equipe, ao ar livre, em contato com a natureza, serviço ao próximo, cooperativas, dentre outros, proporcionar um ambiente formativo eficaz, feliz, interessante e seguro para crianças, adolescentes e jovens, sendo coordenado por adultos voluntários conscientes, competentes e habilitados para o seu trabalho.

No entanto, para atender as demandas e necessidades de uma sociedade em constante transformação, precisa acompanhar e se adaptar às tendências e inovações, sem esquecer da sua história, princípios e propósito.

Nesse sentido, o Congresso Brasileiro de Educação Escoteira na sua 3ª edição, ocorrendo em ambiente acadêmico e sob olhar da ciência, nos desafiou a pensar o que queremos para o escotismo brasileiro nos próximos anos, tendo como base as 10 direções transformadoras definidas no Congresso Mundial de Educação Escoteira.

As palestras, painéis, rodas de conversa, oficinas, apresentação de projetos e relatos de caso proporcionaram ricas discussões e reflexões sobre a importância de termos um programa escoteiro flexível, adaptável e inclusivo; com incentivo à cidadania ativa e a cultura de paz; geração de oportunidades de liderança juvenil dentro do escotismo; proposição de modelos inovadores para o envolvimento mais flexível dos voluntários; estabelecimento de espaços seguros e de apoio visando a saúde mental e o bem estar geral; estímulo à ação e mudança de comportamento para criar um mundo mais sustentável; busca pelo reconhecimento externo da proposta educativa e valorização das conquistas dos jovens; colaboração com outras instituições para que jovens e adultos tenham experiências de aprendizagem transformadoras; acesso à alfabetização digital; e adoção de uma abordagem inovadora que garanta um programa responsivo às tendências e relevante para o futuro.

E assim, permeado por história, tradição, inovação e ciência, pudemos “juntos, reimaginar o futuro do Escotismo brasileiro”.

Renata Swany Soares do Nascimento

Presidente do 3º Congresso Brasileiro de Educação Escoteira



SUMÁRIO

Escoteiros do Brasil e a formação cidadã para o futuro: a experiência da prática do Escotismo junto à crianças de 06 a 10 anos do fundamental I	5
Implementação do projeto Tribo da Terra “Reduzir, Reciclar, Reutilizar” no Grupo Escoteiro Amary 147/PB	12
Ressignificando o voluntariado no M.E a partir das enchentes no RS	22
Escoteiros no MCM	27
Rede escoteira de profissionais da educação	32
Seguindo as pistas de gêneros e sexualidades no currículo de um Grupo Escoteiro Coeducativo	35
Método Educativo Escoteiro e Transdisciplinaridade: contribuições para sustentabilidade	42
Escotismo e a Educação Não-formal	48
O uso de tecnologias assistivas na educação a distância para formação de adultos no Movimento Escoteiro	53
Atualização do Programa Educativo dos Escoteiros do Brasil	59
Voluntariado flexível, modelos de voluntariado e saúde mental	62
Recomendações do 3º Congresso Brasileiro de Educação Escoteira	68



Escoteiros do Brasil e a formação cidadã para o futuro: a experiência da prática do Escotismo junto à crianças de 06 a 10 anos do fundamental I

Davidson Campos Soares Barbosa
Doutor em Educação pela PUC-MG
UEB-MG / Diretor de Gestão Institucional - IM4
dcsbarbosa@gmail.com

INTRODUÇÃO

Uma educação para a cidadania de qualidade, orientada por valores, é essencial para a formação de indivíduos conscientes e responsáveis. Ela promove o desenvolvimento de competências como respeito, empatia, justiça e solidariedade, fundamentais para a convivência em sociedade. Além disso, prepara os cidadãos para exercerem seus direitos e deveres de forma crítica e participativa. Quando pautada por valores éticos, essa educação contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Por fim, ela fortalece o senso de pertencimento e o compromisso com o bem comum, essenciais para a democracia.

Este trabalho tem como objetivo apresentar o relato de experiência desenvolvida em parceria pelos Escoteiros do Brasil – Região de Minas Gerais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e de uma escola do ensino fundamental na cidade de Belo Horizonte.

A experiência foi realizada durante a 3ª Virada Científico-Cultural promovida pela PUC-MG unidade Barreiro nos dias 8 e 9 de outubro de 2024 e que teve como temática central “Universidade de portas abertas: ciência e cultura em sintonia com a comunidade”. Este evento foi promovido pela Pró-Reitoria de Extensão da universidade e buscou oferecer, em parceria com a UEB-MG, a experimentação do Método Educativo Escoteiro a crianças de uma escola do ensino fundamental situada em seu território evidenciando como o Escotismo contribui na formação de cidadãos úteis à sociedade.

A ação contou com a participação de aproximadamente 40 crianças, 4 escotistas do Distrito Metropolitano de Belo Horizonte e o apoio de 6 professores da própria escola. A ação se desenvolveu no formato de uma reunião normal aplicada em sede e teve como ênfase as áreas de desenvolvimento social e intelectual abordando os itens 4 – “Educação de Qualidade” e 11 – “Cidades e Comunidades Sustentáveis”.



REFERENCIAL TEÓRICO

A educação para a cidadania é um tema central nos debates sobre o papel da escola e outras instituições sociais no desenvolvimento de indivíduos conscientes, críticos e comprometidos com o bem comum. Essa educação vai além da transmissão de conteúdos acadêmicos e busca formar pessoas capazes de atuar de maneira ética, democrática e participativa em suas comunidades e no mundo.

Um dos maiores defensores da educação para a cidadania crítica é Paulo Freire. Segundo Freire (2018), o processo educativo deve capacitar os indivíduos a refletirem sobre sua realidade e a transformá-la. Esse pensamento está diretamente relacionado à ideia de que a cidadania não é apenas um status legal, mas uma prática social ativa que exige participação e responsabilidade. A educação, nesse contexto, deve ser orientada por valores como a justiça, a igualdade e a solidariedade.

Outros autores também contribuem para essa discussão ao abordar a relação entre educação e o desenvolvimento da esfera pública. Arendt (2007) enfatiza que a educação tem o papel fundamental de preparar os indivíduos para atuarem no espaço público de maneira responsável e ética. A autora defende que a educação para a cidadania deve formar indivíduos que saibam pensar criticamente e dialogar, capacidades essenciais para a participação democrática.

Savater (2012) complementa essa perspectiva ao afirmar que a educação para a cidadania de qualidade deve ser orientada por valores éticos que sejam vivenciados no cotidiano escolar e social. Assim, a educação deve ser um campo de experiências concretas que promovam a vivência de valores como respeito, tolerância e cooperação.

O Movimento Escoteiro surge como uma ferramenta eficaz no processo de educação para a cidadania, justamente por seu foco na formação de jovens comprometidos com a sociedade e orientados por um código de valores. Fundado por Baden-Powell em 1907, o Escotismo tem como objetivo principal desenvolver cidadãos ativos e responsáveis, por meio de uma pedagogia que promove a autonomia, o trabalho em equipe e o serviço à comunidade. Baden-Powell, tinha um entendimento sobre educação de forma mais ampliada. Para ele,

a Educação, tal como a entendo, não consiste em introduzir no cérebro da criança uma certa dose de conhecimentos, mas sim, em despertar-lhe o desejo de conhecer e indicar-lhe o método de estudo. Além da formação puramente escolar, a educação moderna procura desenvolver o caráter, a habilidade técnica e a saúde do corpo (BADEN- POWELL, 1993, p. 11).

Percebe-se assim, que o escotismo adota uma abordagem pedagógica que complementa os princípios discutidos por autores como Perrenoud (2000), que destaca a importância de práticas pedagógicas que promovam a autonomia e a responsabilidade dos estudantes.

Desta forma, verifica-se que quando a educação está voltada para a cidadania, e quando orientada por valores como os defendidos por Freire, Arendt, Savater e outros, bem como pelo Movimento Escoteiro, contribui significativamente para a formação de indivíduos comprometidos com a transformação social. Essa abordagem valoriza a educação como um processo contínuo de desenvolvimento humano, que forma não apenas profissionais competentes, mas cidadãos conscientes e atuantes.

Também buscando contribuir na transformação da sociedade estão as instituições de educação formal e dentro desse contexto, as universidades. O tripé ensino, pesquisa e extensão é um dos pilares fundamentais para a atuação das universidades, desempenhando um papel crucial na formação integral dos estudantes e na geração de conhecimento voltado para a sociedade. Especificamente na extensão, temos a conexão da universidade com a comunidade, possibilitando que o conhecimento produzido seja aplicado de maneira prática e direta para a resolução de problemas sociais, culturais e econômicos.

Essa interação entre ensino, pesquisa e extensão fortalece a universidade como um espaço de transformação social, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e o bem-estar das populações. Segundo Andrade, Morosini e Lopes (2019), essa integração é fundamental para a formação de profissionais mais capacitados e comprometidos com a realidade ao seu redor. Complementando, Freire (2011) reforça que a educação não pode se restringir ao espaço da sala de aula, devendo sempre dialogar com a sociedade para produzir um conhecimento que seja socialmente relevante.

A prática extensionista no ambiente universitário é uma das principais formas de integrar ensino, pesquisa e a comunidade externa. Essa prática busca transformar a realidade social por meio da troca de saberes entre a universidade e a sociedade, contribuindo para o desenvolvimento regional e nacional.

Em resumo, a prática extensionista no ambiente universitário desempenha um papel crucial na formação de estudantes críticos, na democratização do saber e na transformação social. A extensão universitária, como ressaltam os autores referenciados, é, portanto, uma prática indispensável para o cumprimento da função social das instituições de ensino superior.

DESENVOLVIMENTO

Iniciamos o encontro montando quatro grandes equipes com dez crianças cada. Em seguida, e com o apoio dos escotistas fizemos uma ferradura e uma rápida apresentação de cada um dos participantes. Na sequência contamos brevemente o início do Escotismo e falamos de seu fundador e o que um escoteiro faz. Para colocarmos os participantes e no clima da atividade entregamos um lenço elaborado de *tactel* e firmamos o compromisso com cada um dos participantes em fazer o melhor possível a partir daquele momento.

Figura 1: Distribuição dos lenços



Fonte: Equipe de apoio

As atividades obedeceram a uma sequência de uma reunião escoteira. Tivemos quebra gelo com a utilização de balões, depois um jogo de revezamento e uma canção. Na capacitação abordamos a ODS 11 – “Cidades e Comunidades Sustentáveis” onde cada uma das equipes deveria ilustrar em um cartaz as ações que eles acreditam que a sociedade deve adotar para termos um mundo melhor. Após realizarem esta ilustração, cada equipe escolheu um representante para fazer a apresentação aos demais participantes.

Figura 2: Desenvolvimento das atividades



Fonte: Equipe de apoio

Preparamos também uma breve capacitação sobre nós escoteiros. Infelizmente esta capacitação ficou comprometida tendo em vista a necessidade de reduzirmos um pouco o horário a pedido da coordenação do evento. Por fim, fizemos uma visita a “um campo escoteiro” que foi montado para que as crianças pudessem conhecer uma barraca e saber o que faz um escoteiro quando vai acampar. Este campo foi mais simbólico, mas as crianças adoraram entrar dentro de uma barraca e saberem que são os próprios escoteiros que fazem a sua comida em um acampamento.

Figura 3: Visita ao campo escoteiro



Fonte: Equipe de apoio

Ao final dessa visita ao campo fizemos novamente uma ferradura, agradecemos a participação de todos e demos uma lembrancinha para cada um dos participantes. Ressaltamos como o Escotismo é bom para a vida e que naquele território temos duas Unidades Escoteiras Locais em funcionamento. Na PUC foram espalhados alguns cartazes com os endereços dessas UEL's e que caso necessário, a instituição escolar repassaria nossos contatos para uma melhor orientação.

REFLEXÃO E RESULTADOS

A atividade escoteira realizada com as 40 crianças foi um sucesso, proporcionando a elas momentos de aprendizado, diversão e interação social. A energia e entusiasmo demonstrados por todas confirmam a eficácia do Método Educativo Escoteiro na promoção de valores importantes que devem ser trabalhados para uma sociedade mais inclusiva e justa. Cada um dos jogos realizados despertou nas crianças um sentimento de pertencimento e um interesse genuíno em continuar participando do Movimento Escoteiro.

A experiência prática que o Escotismo oferece é essencial para o desenvolvimento integral dos jovens, unindo a educação não formal à prática cotidiana de habilidades que são úteis tanto no âmbito social quanto pessoal. A vivência ao ar livre e o trabalho em equipe, pilares das atividades escoteiras, permitem que as crianças desenvolvam competências de liderança, responsabilidade e autonomia. O ambiente lúdico e dinâmico, presente nas atividades escoteiras, também facilitam a absorção desses valores de forma natural e divertida.

A felicidade e o interesse demonstrados pelas crianças ao final da atividade reforçam o impacto positivo do Escotismo como um complemento valioso ao sistema educacional. Por ser uma instituição de educação não-formal, vai além das paredes da sala de aula, permitindo que os jovens explorem seu potencial em diferentes áreas, como a cidadania, o respeito ao próximo e o cuidado com o meio ambiente. Essas experiências contribuem para a formação de indivíduos conscientes, preparados para enfrentar os desafios do mundo atual.

Figura 4: Foto oficial do evento



Fonte: Equipe de apoio

Assim, o Escotismo se apresenta como uma importante ferramenta educacional, que complementa e enriquece a educação formal, promovendo o desenvolvimento de cidadãos ativos e comprometidos. A resposta positiva das crianças envolvidas nesta atividade é uma prova de que, quando expostas a esse tipo de formação, elas encontram um caminho estimulante e envolvente para seu crescimento pessoal e social. O movimento escoteiro continua a ser uma fonte de inspiração e transformação para jovens em todo o mundo, fortalecendo valores que os acompanharão por toda a vida.

CONCLUSÃO

O projeto de trabalho intitulado "ESCOTEIROS DO BRASIL E A FORMAÇÃO CIDADÃ PARA FUTURO: a experiência da prática do Escotismo junto à crianças de 06 a 10 anos do fundamental I" mostrou-se bastante exitosa quanto ao seu objetivo de propiciar a prática do Escotismo a crianças que até então, não haviam tido a possibilidade dessa experiência.

A criação de parcerias entre o Escotismo e instituições de ensino é fundamental para expandir o acesso às práticas escoteiras e alcançar um maior número de crianças, jovens e adolescentes. Essas parcerias permitem integrar a educação formal com os valores e metodologias do Movimento Escoteiro, complementando o desenvolvimento acadêmico com experiências práticas de cidadania, liderança e respeito ao meio ambiente. As escolas podem servir como pontes entre os alunos e o Escotismo, facilitando a divulgação do movimento e incentivando a participação de jovens que talvez não tivessem conhecimento ou acesso ao programa escoteiro.



A extensão universitária, por sua vez, representa uma oportunidade estratégica para aproximar o Escotismo das instituições de ensino superior e, conseqüentemente, do sistema educacional como um todo. Por meio de projetos de extensão, universitários podem atuar como voluntários em grupos escoteiros, compartilhar conhecimentos e promover ações que integrem o escotismo à vida escolar. Essa aproximação não só amplia a divulgação do Escotismo, como também fortalece suas bases ao incorporar mais membros à rede, além de alinhar o movimento com os objetivos educacionais formais, reforçando sua relevância como um agente transformador na formação de cidadãos conscientes e participativos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rubya Mara M. de; MOROSINI, Marília Costa; LOPES, Daniela Oliveira. A extensão universitária na perspectiva da universidade do encontro. Em aberto. Brasília, v.32, n. 106, p. 117-131, set./dez. 2019.

ARENDDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. 348 p. (Coleção debates ; 64). ISBN 9788527301176.

BADEN-POWELL, of Gilwell, Lord. Caminho para o sucesso: um livro sobre o esporte da vida, escrito para os rapazes. Tradução: Bonifácio Antônio Borba et al. 7. ed. Porto Alegre: Editora Escoteira da União dos Escoteiros do Brasil, 2013. 238 p.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 14. ed. rev., atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 189 p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 71. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2018. 143 p.

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: pra quê? São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017.

PERRENOUD, Philippe. Pedagogia diferenciada: das intenções à ação. Porto Alegre: Artmed, 2000. 183p.

SAVATER, Fernando. Ética para meu filho. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2012. 142 p.



Implementação do projeto Tribo da Terra “Reduzir, Reciclar, Reutilizar” no Grupo Escoteiro Amary 147/PB

Angélica Mota e Albuquerque de Lima¹
Jessyana Karla Gomes²
Cláudia de Oliveira Cunha³

¹Graduada em Ciências Contábeis – Faculdade Luiz Mendes; Especialização em Auditoria e Controladoria – UNIPÊ; Chefe assistente do ramo lobinho.

²Graduanda em Química Licenciatura – UFPB; Chefe assistente do ramo lobinho.

³Doutora em Química – UFPE; Docente do Departamento de Química – UFPB; Diretora presidente e Chefe assistente do ramo lobinho.

claudiacunha@quimica.ufpb.br

1. INTRODUÇÃO

O movimento escoteiro tem como missão contribuir para a educação do jovem, baseado em um sistema de valores orientados pela Promessa e pela Lei Escoteira, ajudando a construir um mundo melhor, na qual se valoriza a realização individual e a participação construtiva em sociedade.

O Grupo Escoteiro Amary 147 PB está enquadrado na modalidade básica enfatizando e desenvolvendo nos jovens o gosto pelo excursionismo, atividades mateiras, campismo e montanhismo, viagens, expedições e explorações de regiões desconhecidas, pelo estudo da fauna, da flora, entre outros. Em seu estatuto está previsto no Art. 3º “São fins do Grupo Escoteiro Amary a defesa, a preservação e a conservação do meio ambiente e a promoção do desenvolvimento sustentável.

Dentro desta perspectiva o Programa Educativo Mundo Melhor da UEB criou a Tribo da Terra com uma proposta de processo de aprendizagem flexível e relevante com respeito às necessidades das crianças, adolescentes e jovens, bem como da sociedade, levando em conta os elementos do Método Educativo Escoteiro.

O objetivo do presente trabalho foi aplicar no ramo lobinho uma proposta voltada à insígnia de Interesse especial “Reduzir, Reciclar e Reutilizar” prevista na iniciativa da Tribo da Terra, sendo ela: 1) Limpeza na praia com coleta de resíduos sólidos; 2) Visitaçao ao Laboratório de Estudos em Química Ambiental da UFPB; 3) Campanha de arrecadação de tampinhas plásticas de garrafas PET; 4) Chaveiros ecológicos confeccionados com tampinhas.

Após cada etapa foi possível perceber as competências adquiridas pelas crianças a partir do desenvolvimento do senso de responsabilidade coletiva em relação à sustentabilidade e ao cuidado com o planeta.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 União dos Escoteiros do Brasil

A União dos Escoteiros do Brasil (UEB) é reconhecida como uma organização de educação não formal relevante, que por meio de seu projeto educativo acessível e inclusivo, inspira crianças, adolescentes e jovens a promoverem mudanças positivas na sociedade. A UEB é a entidade nacional que coordena o movimento escoteiro, possuindo mais de 94.000 membros filiados. A UEB é organizada em três níveis: o Nacional, a autoridade em todo o território brasileiro; o Regional, denominado Região Escoteira; e o Local, constituído pelos Grupos Escoteiros e Seções Escoteiras Autônomas, que são as organizações locais para a prática do Escotismo. A UEB é uma sociedade civil de âmbito nacional, de direito privado e sem fins lucrativos, de caráter educacional, cultural, beneficente e filantrópico, reconhecida de utilidade pública, que congrega os Grupos de Escoteiros no Brasil (BRASIL, 1946).

Conforme a União dos Escoteiros do Brasil, a proposta do escotismo é o desenvolvimento do jovem, por meio de um sistema de valores que prioriza a honra, baseado na aceitação da Promessa e da Lei Escoteira, e através da prática do trabalho em equipe e da vida ao ar livre, fazendo com que o jovem assuma seu próprio crescimento, sendo um exemplo de fraternidade, lealdade, altruísmo, responsabilidade, respeito e disciplina. A promessa escoteira sintetiza o embasamento moral do Movimento, onde os seus membros comprometem-se voluntariamente a conduzirem-se de acordo com a orientação moral do Movimento, reconhecendo a existência de deveres que devem ser cumpridos (UEB, 2021).

O Escotismo, fundado por Lord Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, em 1907, é um movimento mundial, educacional, voluntariado, apartidário, sem fins lucrativos para crianças e jovens de todo o mundo (atualmente com mais de 28 milhões de membros ativos em 216 países).

A Organização Mundial do Movimento Escoteiro define como princípios do escotismo: dever para com Deus; dever para com os outros; dever para consigo próprio. O movimento escoteiro também busca proporcionar o desenvolvimento físico do jovem por meio de jogos ao ar livre, exercícios, excursões e acampamentos. A finalidade é o desenvolvimento do caráter de tal forma que essa geração seja sadia no futuro, para desenvolver a mais alta forma de compreensão e dever para com Deus, a pátria e o próximo. O desenvolvimento intelectual dá-se através aplicação de atividades variadas tais como: cozinha, campismo, nós, primeiros socorros, regras de segurança, orientação, transmissão de sinais, estudo da natureza, entre outros (UEB 2018).

A União dos Escoteiros do Brasil, UEB, fundada em 4 de novembro de 1924, é uma sociedade civil de âmbito nacional, de direito privado e sem fins lucrativos, de caráter educacional, cultural, beneficente e filantrópico, reconhecida de utilidade pública, que congrega os Grupos de Escoteiros no Brasil. A entidade que representa oficialmente o Movimento Escoteiro é a União dos Escoteiros do Brasil, que por sua vez, tem contribuído com a juventude do estado, estimulando em crianças e adolescentes a formação de seu caráter e atitudes cidadãs, dentre muitas de suas outras potencialidades, através do método escoteiro de educação não formal consagrado mundialmente.

2.2 Grupo Escoteiro Amary 147 PB

O Grupo Escoteiro Amary 147 PB foi fundado em 09 de março de 2024 na Universidade Federal da Paraíba com uma cerimônia oficial na presença de convidados e familiares, entre jovens e adultos. O G.E. Amary é uma associação civil de direito privado, beneficente, filantrópica e sem fins lucrativos. Ele está regularmente inscrito na União dos Escoteiros do Brasil (UEB) e mantém sua situação completamente regularizada em toda a estrutura organizacional da UEB.

O nome Amary tem origem Tupy e significa "Árvore Frondosa" e seus elementos estão representados na bandeira do grupo (Figura 1), tais como as folhas e a raiz na flor de lis que representam o meio ambiente e a fortaleza, respectivamente. O numeral 147 vem da passagem bíblica de Jó 14:7 "Porque há esperança para a árvore que, se for cortada, ainda se renovará, e não cessarão os seus renovos".

Em sete (07) meses de fundação, o G.E. Amary 147 PB conta com 87 membros, 18 chefes, 8 membros do clube flor de lis e 61 beneficiários, sendo 24 lobinhos, 20 escoteiros, 12 sêniores e 5 pioneiros.

Figura 1 – Bandeira do Grupo Escoteiro Amary 147 PB.



A sede do Amary está localizada na Universidade Federal da Paraíba – Campus I e o grupo está vinculado ao Edital PROEX nº 04/2024 da UFPB como Projeto de Extensão e tem como objetivo difundir a prática do escotismo na UFPB, atuando diretamente na educação de crianças, adolescentes e jovens. O público-alvo do projeto constitui-se de membros do G.E. Amary, como também discentes, docentes, funcionários da UFPB e comunidade externa, contribuindo para que possam desenvolver, através da vivência do método e prática escoteira, habilidades que os tornem pessoas úteis em suas comunidades e responsáveis pelo meio ambiente.

2.3 Tribo da Terra

A Tribo da Terra e seus desafios buscam abordar questões ambientais e de sustentabilidade, tais como mudanças climáticas, promoção de hábitos sustentáveis para um estilo de vida ecológica e saudável, e a conexão com a natureza através de iniciativas que busquem protegê-la. A iniciativa fomenta o desenvolvimento de competências em crianças, adolescentes e jovens, incentivando-os a alcançar seu pleno potencial físico, intelectual, afetivo, social e espiritual como indivíduos e cidadãos responsáveis e ativos em suas comunidades locais, nacionais e internacionais (UEB, 2021).

Os jovens são convidados a se tornarem membros da Tribo da Terra mediante o desenvolvimento de projetos dentro das temáticas da sustentabilidade, biodiversidade, energias renováveis e planeta limpo. O Planeta Limpo, prevê a prevenção da contaminação e preservar os ecossistemas aquáticos e terrestres, na qual os jovens prosperam na criação de um mundo melhor para os outros e para si mesmos; Entendem como a contaminação afeta o planeta, identificam e questionam as práticas que levam ao aumento da poluição e sabem como reduzir seus efeitos. Os jovens devem trabalhar com a comunidade, as organizações locais e parceiros para reduzir, reutilizar e reciclar resíduos, como por exemplo o plástico.

A abordagem educacional é implementada por meio de um sistema que estimula a autoeducação, o empoderamento e a aprendizagem cooperativa. A Tribo da Terra e seus desafios aproximam os jovens do aprendizado que se espera que eles adquiram e oferece uma experiência divertida e agradável, em que os jovens se sentem seguros, tanto física como emocionalmente.

Os jovens são reconhecidos de acordo com orientações específicas para cada ramo (Lobinho, Escoteiro e Sênior), depois de realizar o projeto com a temática escolhida: Campeões da Natureza; Escoteiros pela Energia Solar; Reduzir, Reciclar, Reutilizar.

O Reduzir, Reciclar, Reutilizar tem como finalidade conscientizar e atuar na problemática dos resíduos que afetam o meio ambiente, seu impacto em nosso planeta e como podemos agir de maneira ativa nesses processos e contempla os seguintes ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável): ODS-4 "educação de qualidade"; ODS-12 "consumo e produção responsáveis"; ODS-14 "vida na água"; ODS-15 "vida terrestre".

O objetivo deste trabalho foi implementar o projeto Tribo da Terra "Reduzir, Reciclar, Reutilizar" com os lobinhos e lobinhas da Alcateia Coruja Buraqueira para atingir a competência prevista na insígnia de interesse especial "Plastic Tide Turners".

3. METODOLOGIA

O público-alvo incluiu crianças na faixa etária de 7 aos 10 anos do ramo lobinho do G.E. Amary 147 PB, sendo o projeto realizado em 4 momentos.



3.1 Limpeza na praia com coleta de resíduos sólidos

Esta etapa foi realizada no dia 21 de setembro de 2024, na qual se comemorou o Dia Mundial da Limpeza (DML). O DML é um movimento cívico global que ocorre anualmente com o objetivo de promover a mobilização de voluntários em todo o mundo para a limpeza de suas comunidades. A atividade foi realizada na praia de Manaíra – João Pessoa/PB e a ação foi dividida no acolhimento com um café da manhã oferecido por um Hotel de João Pessoa, seguida de uma prática de Yoga, palestra, recolhimento e separação dos resíduos.

A atividade foi realizada em parceria com o Mares sem Plástico, projeto institucional da UFPB, que tem como objetivo realizar ações educacionais em combate ao lixo no mar.

3.2 Visitação ao Laboratório de Estudos em Química Ambiental da UFPB

Na visita ao Laboratório de Estudos em Química Ambiental – LEQA foi possível apresentar a Coleção Didático-científica de Lixo Marinho que possui em seu acervo resíduos costeiros, como também apresentar através de uma oficina a circularidade do plástico com o beneficiamento de tampinhas plásticas de garrafa PET. O LEQA é um laboratório de pesquisa, localizado no Departamento de Química – CCEN – UFPB e é coordenado pela profa. dra. Cláudia de Oliveira Cunha.

3.3 Campanha de arrecadação de tampinhas plásticas de garrafas PET

A campanha de arrecadação de tampinhas foi implementada de maneira contínua visando a redução do volume de resíduos sólidos que vão para os aterros sanitários e promove a sensibilização sobre o consumo responsável.

3.4 Chaveiros ecológicos confeccionados com tampinhas

O processo de produção dos chaveiros iniciou com a coleta de tampinhas plásticas, que muitas vezes são descartadas de forma inadequada, contribuindo para a poluição dos oceanos e do solo.

A confecção dos chaveiros foi realizada em parceria com o Projeto Precious Plastic da UFPB, no qual os lobinhos e lobinhas realizaram a venda em prol da Alcateia Coruja Buraqueira e de um futuro mais sustentável.

4. RESULTADOS

4.1 Limpeza na praia com coleta de resíduos sólidos

A partir da coleta dos resíduos foi possível realizar debates sobre práticas de consumo sustentável e a importância da educação ambiental (Figura 2).

Figura 2 – Dia Mundial da Limpeza com a programação de café da manhã, aula de yoga, palestra e coleta de resíduos.



Neste dia foram coletados aproximadamente 18 kg de resíduos, sendo eles: 8,0kg plástico; 2,2kg vidro; 1,0kg metal; 0,8kg isopor; 3,4kg orgânico; 1,4kg papel; 0,6kg madeira processada.

4.2 Visitação ao Laboratório de Estudos em Química Ambiental da UFPB

A visitação ao LEQA teve como objetivo promover um encontro interativo e didático, no qual as crianças puderam participar ativamente na construção do conhecimento sobre a problemática do plástico no meio ambiente e nos ecossistemas, desenvolvendo uma consciência crítica e ambiental (Figura 3).

Figura 3 – Visitação do laboratório de pesquisa para entendimento do impacto do plástico.



4.3 Campanha de arrecadação de tampinhas plásticas de garrafas PET

O material coletado foi utilizado na confecção de produtos sustentáveis, como os chaveiros ecológicos, que contribuem para a valorização da circularidade dos resíduos plásticos (Figura 4).

Figura 4 – Campanha de arrecadação de tampinhas com os lobinhos.



4.4 Chaveiros ecológicos confeccionados com tampinhas

Os lobinhos e lobinhas perceberam que ao transformar as tampinhas em chaveiros, não só evitou-se o acúmulo de plástico, mas também se deu um novo propósito ao material. Essa abordagem promoveu uma economia circular, na qual produtos são reutilizados e reciclados continuamente (Figura 5).

Figura 5 – Chaveiros ecológicos confeccionados para venda em benefício da alcateia Coruja Buraqueira do G. E. Amary.





5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a implementação do projeto Tribo da Terra “Reduzir, Reciclar, Reutilizar” foi possível observar que os lobinhos e lobinhas atingiram a competência prevista na insígnia de interesse especial “Plastic Tide Turners”. E de maneira mais ampla, pode-se dizer que a proposta atingiu não apenas o Grupo Escoteiro Amary 147 PB, mas sim toda a sociedade para o problema do descarte irregular de resíduos sólidos urbanos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto-Lei nº 8.828, de 24 de janeiro de 1946. Dispõe sobre o reconhecimento da União dos Escoteiros do Brasil como instituição destinada a educação extra escolar. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 1385, 1946.

UEB. União dos Escoteiros do Brasil. Política nacional de programa educativo dos escoteiros do Brasil. Brasília: Editora Escoteira da UEB, 2018.

UEB. União dos Escoteiros do Brasil. Projeto educativo do movimento escoteiro. Brasília: Editora Escoteira da UEB, 2021.

UEB. União dos Escoteiros do Brasil. Programa Educativo - Mundo Melhor. Tribo da Terra - Manual de Implementação. Brasília: Editora Escoteira da UEB, 2022.



Ressignificando o voluntariado no M.E a partir das enchentes no RS

**Autora: Cleuza Iara Campello
Região RS**

Grupo Escoteiro Manoela da Nóbrega - Porto Alegre – RS

Titulação acadêmica: Doutora em Educação

CNGA 2 Concluído

51 anos de Movimento Escoteiro

A TRAJETÓRIA HISTÓRICA

“Quando estamos conectados com os valores humanos e espirituais, começa uma verdadeira aventura: a satisfação de sermos nós mesmos e de podermos usar nossas aptidões para ajudar outras pessoas. São experiências gratificantes. É isso que nós, os voluntários, fazemos: disponibilizamos nossa energia e aptidões pessoais como um pequeno presente para o mundo e o que recebemos como retorno vai além das palavras.” Flávio Lopes Ribeiro, brasileiro, coordenador do Projeto do Voluntariado da ONU - Organização das Nações Unidas em El Salvador.

A palavra ‘voluntário’ vem do latim e já tinha em sua origem o significado de ‘agir por vontade própria’. De forma geral, no Brasil e no mundo, o voluntário é aquela pessoa que ajuda outras pessoas sem exigir algo em troca.

Relendo a história do surgimento do voluntariado no Brasil, encontramos ações marcadas pela benemerência, num amplo período que perdurou no Brasil Colônia, Império e Primeira República, até início do século XX. Pouco mais de quatro décadas depois do descobrimento do Brasil, é fundada a primeira Santa Casa, gerida pela Irmandade de Misericórdia, uma instituição de assistência criada em Portugal alguns anos antes, de acordo com os costumes e ensinamentos cristãos.

Este marco do voluntariado no País, multiplicado em outras instituições de abrigo e assistência a necessitados, geralmente vinculadas à Igreja Católica, representava o ideário da caridade cristã, expressa na forma de assistência social frente a ausência de políticas públicas efetivas, exerciam importante papel na assistência, em especial aos que estivessem ‘caídos em desgraça’, ‘desvalidos’ e às crianças abandonadas.

O século XX trouxe mudanças sociais, econômicas e políticas que, provocando profundas transformações na sociedade brasileira, fazendo com que o agir voluntário tomasse novas nuances. Por exemplo, a Cruz Vermelha e o Escotismo, movimento composto por voluntários, chegaram ao País no início do século XX, dando um novo impulso à missão de ajuda ao próximo.

Esse cenário foi se modificando a partir da década de 1980 com a expansão das organizações do Terceiro Setor e com a Constituição Cidadã de 1988, fortalecendo a sociedade civil e sua capacidade de participação cidadã.

Iniciava-se a construção de um novo voluntariado, mais crítico em relação às ações de benemerência e mais disposto ao alinhamento com o Estado face à complexidade e o tamanho dos desafios, especialmente os ligados à imensa desigualdade social brasileira.



Podemos fazer referência à Pastoral da Criança, com seus líderes comunitários contribuindo efetivamente para a queda da mortalidade infantil e a Ação da Cidadania Contra a Fome, do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, no IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, que tiveram papel decisivo na mobilização nacional: todas as pessoas poderiam se sentir solidárias e aptas a participar da mudança social.

Na virada do milênio, a cultura de um novo voluntariado mostra que este não é acionado pelo sentimento de culpa, mas que o exercício de cidadania que ele proporciona pode trazer prazer e ser uma atividade qualificada e eficiente.

Decorridos mais de 20 anos do século XXI, os desafios sociais continuam crescentes, como o isolamento social provocado por uma pandemia que exigiu dos voluntários novas formas de acolher quem foi mais atingido.

Há duas distinções fundamentais a fazer: Primeiro, separar o voluntariado de ocasião do voluntariado organizado. Esse último, à diferença do que pode sugerir o senso comum, é empreendido com metodologia, estratégia, comprometimento e visão de médio e longo prazo. Implica diálogo intenso com a comunidade e escolha criteriosa do que, quando e como fazer para gerar alto impacto.

Segundo identificar a potência dos programas de trabalho voluntário não apenas como atividade fim, mas como atividade meio. Essa é a parte menos óbvia e que exige mais atenção e reflexão. Quando uma empresa, por exemplo, mobiliza um mutirão de voluntários para pintar as paredes de uma escola, é mais fácil enxergar o impacto da ação como uma atividade fim. À primeira vista, já se percebe a nobreza da atitude das pessoas que colaboraram e os benefícios pontuais de ter uma escola de cara nova e mais convidativa. Mas o valor das coisas não se esgota na superfície visível. Por trás daquela tarde de trabalho, provavelmente há uma empresa ou organização da sociedade civil que desenvolveu uma iniciativa muito mais ampla - com a criação de um comitê de voluntariado, entrevistas com colaboradores, capacitação, processos de escuta com a comunidade, formação de parcerias e muito mais. Ao longo deste trabalho continuado e organizado, mas distante dos holofotes, é seguro dizer que o empreendimento gerou um enorme valor para a sociedade e para todos os envolvidos, ainda que de outra natureza. O voluntariado, quando entendido como meio, é uma estratégia poderosa para criar e disseminar conhecimento, articular redes de cooperação, estabelecer relações de qualidade entre diferentes atores, engajar os mais variados públicos e despertar o espírito cidadão e o empreendedorismo social nas pessoas. Em resumo, é uma alavanca eficiente particularmente para empresas que querem melhorar relacionamento com comunidades e com seus colaboradores, além de ajudar a desenvolver territórios. Afinal, uma instituição é incapaz de prosperar no longo prazo se não cultivar boas relações dentro e fora das suas dependências; e, para enfrentar seus principais desafios, um país precisa de um tecido social forte e coeso, em que o governo, empresas, OSCs, escolas e indivíduos somem forças para aplacar as vulnerabilidades da população. Apenas juntos podemos endereçar certas conquistas como nação. Reconhecer a complexidade do voluntariado e investir nas suas potencialidades, portanto, é muito mais do que um aprendizado. É muito mais do que um segundo olhar para ampliar a compreensão. É um ato de cidadania, em que todos ganham e ninguém perde.

Além dos desafios atuais, não sabemos o tamanho do que nos aguarda no futuro, mas sabemos que voluntários estarão presentes doando sua energia, tempo e talento na construção de novas relações, até que todos, sem exceção, possam exercer o seu direito a uma vida plena.



BENEFÍCIOS DO VOLUNTARIADO

Importante destacar que o voluntariado não beneficia apenas as comunidades atendidas, mas também traz vantagens para os próprios voluntários. Entre os principais benefícios estão:

1. **Desenvolvimento de habilidades e competências:** Participar de atividades voluntárias oferece oportunidades de aprimoramento em áreas como liderança, comunicação e resolução de problemas.
2. **Aumento da empatia e da compreensão social:** A interação com diferentes realidades sociais ajuda a desenvolver uma maior compreensão e empatia pelos desafios enfrentados por outras pessoas.
3. **Melhora na saúde mental e física:** Pesquisas indicam que o voluntariado está associado à redução nos níveis de estresse e depressão, especialmente entre idosos, contribuindo para uma melhor qualidade de vida e bem-estar emocional.
4. **Maior senso de propósito e pertencimento:** Engajar-se em causas sociais proporciona um senso de propósito e pertencimento, fundamentais para o bem-estar emocional.

Dessa forma, o voluntariado se confirma como uma prática de grande valor, com impactos positivos tanto para as comunidades quanto para os indivíduos envolvidos. Diante dos desafios sociais e econômicos, fortalecer e promover o voluntariado se torna cada vez mais essencial.

Em um país como o Brasil, principalmente, as ações emergenciais são extremamente necessárias e auxiliam muito a minimizar o sofrimento. Quando há, por exemplo, fortes chuvas que provocam deslizamento de terras, é preciso mobilização para levar o apoio o mais rapidamente possível.

EM 2024, AS ENCHENTES NO RS

No ME desde o início do ciclo de vida do adulto aponta-se para um voluntariado que vai além de trazer apenas sua colaboração de adulto no auxílio à formação dos jovens e dos outros adultos com quem passamos a conviver e até, de nós mesmos. O benefício do agir voluntário se expande para a instituição, para a comunidade escoteira e para o próprio adulto impregnando suas ações de comportamentos que ampliam sua visão de participação ativa num contexto do exercício de cidadania.

Dependemos de adultos competentes dispostos a doarem sua energia, seu tempo, seu conhecimento e entusiasmo no intuito de contribuir com o desenvolvimento e a qualidade do Movimento Escoteiro



Na nossa bibliografia “O Voluntariado Escoteiro” temos:

“De acordo com o princípio do “benefício triplo”, o voluntariado, através do Escotismo, demonstrou afetar diretamente e influenciar positivamente o desenvolvimento pessoal individual dos voluntários, permitindo, a estes, desenvolverem competências essenciais de liderança e outras habilidades para a vida que os capacitarão em suas atividades diárias, como fomentar a cooperação intercultural e intergeracional, o diálogo e a aprendizagem; fortalecer o senso de identidade e de pertencimento a uma comunidade; e aumentar as oportunidades de experimentar a participação na tomada de decisões e planejamento. Muitas dessas competências são valorizadas externamente, pois atendem às necessidades dos empregadores do setor público e privado.” (pg 11)

Temos aí apontados alguns princípios norteadores do porquê nos movemos dentro do ME como voluntários, pois realizamos uma promessa assumindo um compromisso com as comunidades escoteiras que servimos.

O voluntariado da emergência climática que nos vimos desafiados a encarar no mês de maio abriu espaço para todo e qualquer tipo de competência como criar aplicativo de conexões, apoio psicológico, força física, tratamento de pets, limpeza, distração de crianças, estética, contação de histórias, construção de casas.

Nos vimos atuando enquanto voluntários pertencentes ao Movimento Escoteiro em várias frentes de uma forma organizada “desorganizadamente”. Atuamos em abrigos para pessoas, para PETS, nos resgates de pessoas ilhadas em suas casas, nos Centros de Distribuição, hospitais de campo, recolhendo alimentos e roupas para aqueles que perderam tudo, em cozinhas comunitárias, na limpeza de casas, escolas, hospitais, praças. Nos fez rever nossas ações em nossas comunidades, nossos projetos em todos os Ramos e ressignificar o “próximo” que está presente na Promessa Escoteira.

Tivemos auxílio de escoteiros de todo o Brasil e de fora dele. Muitas doações chegaram vindas das mais longínquas comunidades e irmãos escoteiros se deslocaram para auxiliar in loco.

Nos abrigos, assumimos papéis diversos uma vez que os órgãos públicos, não conseguiam dar conta da enormidade de situações que apareciam a cada segundo. Desde realizarmos o cadastro das pessoas que chegavam aos abrigos, providenciar alimentação através das cozinhas comunitárias, acomodação das famílias, manter uma constante comunicação através de nossos radioamadores sobre crianças desaparecidas, necessidade de medicação, transferências de doentes de hospitais atingidos, procurar pessoas desaparecidas, fazer recreação com as crianças nos abrigos. Éramos os mais organizados dentro do caos, com pro atividade, exercendo a liderança naquelas frentes em que os órgãos governamentais não conseguiam se organizar. E, diga-se de passagem, foram muitos.

Jovens escoteiros faziam projetos e utilizavam seus conhecimentos de amarras para construir “espaços” para os pets ficarem separados, os pioneiros se envolveram com a recreação com as crianças e rodas de conversa com adolescentes, além de auxiliar em tarefas escolares, escotistas faziam a segurança nos banheiros e nos abrigos. Foram mais de 2000 horas de voluntariado!



Foram muitos aprendizados! Mas precisamos pensar enquanto instituição o que levamos disso tudo.

Um dos aprendizados foi a necessidade de estreitar nossos laços com as defesas civis dos diferentes municípios e estados. A defesa civil não nos vê como uma instituição organizada com muita capacidade de mobilização. Outro aprendizado é a necessidade de termos a nível regional e nacional uma equipe de mobilização para grandes catástrofes. Nossos projetos com o Ramo Pioneiro precisam ser qualificados. Na antiga IMMA o Ramo Pioneiro tinha como foco as catástrofes, acredito que é necessário uma releitura e adequação a realidade dos jovens que temos hoje. Os JL podem ser um canal importante de mobilização.

Ajudar em um desastre requer qualificação, treinamento e, acima de tudo, um entendimento do que deve ser feito em todas as etapas de resposta, reconstrução, preparação e capacitação. Precisamos pensar nesta perspectiva e como ela se insere nestes contextos de calamidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que o voluntariado no Brasil para situações de desastres ainda é muito incipiente e se resume à doação de cestas básicas, geladeiras, fogões e outros materiais. Precisamos entender que os eventos naturais continuarão a acontecer e irão, cada vez mais, prejudicar as comunidades vulneráveis. Diminuir a exposição e vulnerabilidade é fundamental. Ser voluntário é doar de coração para que a sua ajuda possa fazer a diferença na vida de quem precisa. É colocar em mente que não se trata do que você quer, e sim do que o outro precisa.

O futuro é incerto e não temos uma previsibilidade do que ainda pode acontecer. Sabemos que a recente resolução da ONU, que estabelece 2026 como o Ano Internacional dos Voluntários para o Desenvolvimento Sustentável, oferece uma oportunidade única para o Brasil e em especial para nós escoteiros fortalecermos nossas práticas de voluntariado e estabelecer uma relação mais profunda com as ODS. Esta resolução visa aumentar a conscientização global sobre a importância do voluntariado como uma ferramenta fundamental para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Além disso, ela busca mobilizar recursos, incentivar políticas públicas favoráveis ao voluntariado e promover a colaboração entre governos, sociedade civil e setor privado. Direciona nosso olhar e reflexão para nossas práticas dentro do ME.

Para o escotismo a nível mundial, essa resolução serve como um catalisador para alinhar as práticas voluntárias com padrões globais. Isso não apenas ampliaria a participação, mas também aumentaria o impacto social das atividades voluntárias promovidas pelo ME, tornando-as uma parte integral das estratégias de desenvolvimento sustentável nas regiões escoteiras.

Voluntariado: do bem individual para o bem coletivo! A frase com que Che Guevara definiu o trabalho voluntário está imortalizada em um monumento de Havana, Cuba, e é um lembrete à população: “el trabajo voluntario es una escuela creadora de conciencia, es el esfuerzo realizado por la sociedad y para la sociedad como un aporte individual y colectivo”

Temos muito ainda que avançar!



Escoteiros no MCM

Autor: Guilherme Soares do Nascimento; Estudante universitário bolsista CNPQ enquanto atuava no MCM, Assistente da chefia do ramo escoteiro na tropa escoteira Baden-Powell; Lobinho cruzeiro do sul; Escoteiro Lis de Ouro; Sênior Escoteiro da pátria; e Pioneiro Insígnia de BP

Co-autores: Maria Beatriz Silva Malafaia; Simone Almeida Gavilan; Renata Swany Soares do Nascimento

**Instituição de origem:
UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte**

E-mails para contato:

guisoaresn@hotmail.com.br; beatriz_malafaia@outlook.com

INTRODUÇÃO

O Museu de Ciências Morfológicas (MCM) - Prof. Hiram Diogo Fernandes é um lugar de educação não-formal vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Nesse sentido, o MCM configura-se como um espaço de extensão, pesquisa e ensino; isto é, recebe visitas do público externo, mas também contribui com o conhecimento acadêmico uma vez que os espécimes preservados pelas coleções científicas abrigadas pelo museu proporcionam o desenvolvimento de pesquisas, além de ser um ambiente que desenvolve ações educativas com foco no ensino de ciências e está sempre engajado na promoção de eventos de divulgação científica.

O prédio do Museu de Ciências Morfológicas (MCM) foi criado em 2009 e surgiu pela iniciativa de reunir três exposições já existentes na UFRN: a primeira lotada no Departamento de Oceanografia e Limnologia (DOL), tratando temas relacionados ao ecossistema marinho; a segunda, montada no prédio Relógio do Sol (atual Central de Atendimento ao Discente – CADis), abordava a biodiversidade terrestre; e a terceira, promovida pelo laboratório anatômico do Departamento de Morfologia (DMOR), que exibia peças humanas, com destaque para más-formações congênitas.

Em 2024, com seus 15 anos de atuação, o MCM se encontra sob a tutela cuidadosa da Professora Dra. Simone Almeida Gavilan, em conjunto com a Professora Dra. Renata Swany Soares do Nascimento e a Professora Dra. Christina da Silva Camillo, todas ligadas ao DMOR, lecionando, principalmente, disciplinas voltadas às grandes áreas da Histologia e Embriologia.



Atualmente, o MCM dispõe de três exposições fixas, que são: a Sala do Mar, abordando a biodiversidade marinha e a conservação ambiental; a Sala da Biodiversidade Animal, com enfoque na biodiversidade brasileira e anatomia comparada; e a Sala da Anatomia Humana. Além disso, o Museu realiza atividades de itinerâncias e participa de eventos estaduais e nacionais como Semana Estadual do Meio Ambiente, Primavera dos Museus e Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Assim, participando de colaborações com outras instituições que promovem divulgação científica como o Geoparque Seridó ([visite o Geoparque Seridó](#)) e o Clube de Ciências do IFRN ([@ccienciaifrn](#)). Conjuntamente com as atividades presenciais o MCM continua suas atividades na internet por perfis em redes sociais apresentando quadros como o “MCM em 1 minuto” onde divulga ciência de com uma linguagem de fácil acesso e adaptado ao presente movimento de vídeos curtos em redes sociais ([@mcmufrn](#)).

Outrossim, a direção do MCM sagazmente percebeu que os valores do museu e os valores do Escotismo estavam alinhados e aproveitaram para estreitar os laços com uma parte do seu público que são os escoteiros e escoteiras do Brasil. Neste prisma, os dois contribuem para que crianças, adolescentes e jovens assumam seu próprio desenvolvimento, propondo uma formação complementar para cada um e isso resultou no projeto Escoteiros no Museu de Ciências Morfológicas: ludicidade, ciências, educação não formal e cidadania (Escoteiros no MCM).

Por conseguinte, o MCM resolveu olhar para o movimento escoteiro e planejar algumas atividades específicas relacionando seus objetivos com os do Escotismo. Nisso, as atividades foram: Cartilhas lúdicas — A criação de cartilhas educativas focadas em especialidades; Escoteirando no museu — um dia para a divulgação científica e realização de etapas de especialidades; MCM acampando — realização de palestras em acampamentos; MusEco — a participação do MCM no MutEco de 2024 para conscientizar ambientalmente os jovens; Uma noite no Museu — evento com crianças convidadas para aprender sobre a vida noturna; Visitas ao MCM — recebemos visitas de tropas e alcateias; MCM e o público — realização da indaba do GEU no espaço do museu.

Sendo uma organização externa ao Escotismo capaz de reconhecer as habilidades e competências do seu público, o MCM passou a compartilhar as histórias de sucesso dos seus visitantes escoteiros ao fazer parcerias com a Região Escoteira do RN e as Unidades Escoteiras Locais preparando os jovens para utilizar seus conhecimentos na suas vidas, respectivamente.

Nesta óptica, as atividades feitas pelo museu ofertaram experiências inclusivas para cada jovem, as quais geraram mudanças comportamentais transformadoras para a sustentabilidade ao reconhecer habilidades e competências. Assim, integrando o individual com o coletivo, com a saúde mental e com o bem-estar. Pois, centrou a abordagem no ser humano adotando tecnologias inovadoras que mudam a maneira de se aprender e geram colaborações sólidas para aprendizagem ao longo da vida, formando jovens prontos para desempenhar seu papel na sociedade e fazer do mundo um lugar melhor, como queria BP.

Mostrando, finalmente, a necessidade do Movimento Escoteiro está sempre buscando ir além de suas fronteiras, para explorar a ação conjunta com a sociedade e proporcionar uma experiência rica em conhecimento científico. O qual, é capaz de transformar não apenas a vida do receptor quanto do avaliador e comunicador, sem qualquer discriminação. E, partindo do ponto de vista do monitor, participando e indo buscar o conhecimento com bases teóricas confiáveis, ao se preocupar com a informação e com a necessidade do avaliado compreender aqueles conceitos próximos para poder usar os mesmos e compreender conceitos mais distais.

OBJETIVO DA EXPERIÊNCIA

O objetivo das atividades permeou a ação do MCM como uma instituição divulgadora de ciências para o público do mesmo. Destarte, ao focalizar no Movimento Escoteiro, conseguiu fazer os beneficiários do programa educativo riquíssimo presente no Escotismo terem um letramento científico de qualidade, atualizado e consoante com a vivência. Assim, o conhecimento adquirido foi transformador de suas vidas, pois ele não estava solto, e sim em ressonância com as especialidades e o programa educativo, fazendo-os cumprir itens e possivelmente conseguindo a especialidade. Bem como, aprendendo sobre a ciência para que possam usar esse conhecimento em suas vidas e aprenderem ainda mais sobre essas áreas.

MÉTODO

Cada ação do MCM teve um planejamento e pesquisa árduas para não faltar com a ciência nem propagar acidentalmente “fake news” e ser capaz de gerar um aprendizado significativo nos beneficiários, passando por todo processo da ciência, desde o referencial teórico até a revisão de pares para sua publicação, ou melhor divulgação. Dentre as ações realizadas tivemos:

Cartilhas educativas — a criação de cartilhas educativas, para uso virtual (durante a pandemia) e presencial (após a pandemia), focadas nas especialidades: Entomologia — a qual está concluída; Anatomia Humana (em processo), Animais Peçonhentos (em processo), Proteção Animal (em processo), e Proteção de Animais Silvestres (em processo);

Escoteirando pelo Museu — Um dia para a divulgação científica e realização de etapas de especialidades. Durante sextas-feiras pelo ano, foi incentivado a alguns dos parceiros a enviar seus jovens para o MCM e pesquisar sobre temas relacionados a especialidades. No qual os monitores presentes se capacitaram previamente e proporcionam atividades lúdicas como jogos, quizzes, e visitação às salas. Tendo como finalidade os jovens conseguirem, no mínimo, o conhecimento e, no máximo, os itens acerca das especialidades de: Oceanografia; Entomologia; e Animais Venenosos e Peçonhentos. Adentrando mais nas atividades lúdicas, algumas das dinâmicas foram teatros de fantoches sobre derramamento de óleo; pintura das partes que compõem o inseto; o “Meu Amigo Inseto” em que as crianças confeccionaram insetos de maneira artesanal e um jogo de dados para indicar os animais venenos, peçonhentos e que não possuem veneno ou peçonha;

MCM acampando — durante a o acampamento organizado pela Região Escoteira do RN para lobinhos, a Grande Caçada de 2023 o museu foi convidado para participar como colaborador. Este organizou-se para fazer uma itinerância para o acampamento (em que algumas das monitoras presentes decidiram acampar no local) propondo uma palestras sobre animais venenosos e peçonhentos e outra sobre proteção de animais silvestres com atividades lúdicas. Visto que, no local do acampamento poderiam ser encontrados estes tipos e garantindo práticas sustentáveis dos jovens;

MusEco — no Mutirão de ação ecológica ou MutEco o MCM agiu em parceria com uma da UELs para revezar com a proposta do plantio de mudas pela UEB para realização da palestra sobre a fauna local, quais eram as espécies, suas características, importância médica (veneno e peçonha), e como agir caso os encontre, e atividades lúdicas com a dinâmica do “que bicho é esse?” — sem saber o animais foi selecionado para o jovem ele usa características dos animais para descobrir qual o seu; e a Trilha



Ecológica — um jogo de tabuleiro com peões humanos em que cada equipe deve disputar entre si para percorrer o tabuleiro e responder as perguntas corretamente para avançar e ser a primeira a chegar no final;

Uma noite no museu — a atividade consistia no pernoite no museu para estudar sobre a vida noturna, como os animais que estão mais ativos à noite, os noturnos, e suas fisiológicas. Concomitantemente, o Clube de Ciências trouxe a perspectiva da física para os fenômenos noturnos e a astronomia. Assim, dentre os convidados haviam jovens de uma UEL aproveitando do pernoite e do conhecimento adquirido;

Visitas ao MCM — Em alguns sábados, houveram visitas de um Ramo Sênior para conhecer a sala de anatomia humana, focalizando na anatomia e fisiologia do corpo humano, não deixando de conhecer a sala do mar e da biodiversidade. Enquanto, em outro sábado, uma alcateia foi para o museu visitar e utilizar do seu espaço para fazer atividades escoteiras, intercalando a novidade de um museu com o cotidiano escoteiro; e

MCM e o público — criando uma parceria com uma UEL para a realização de seu indaba no espaço do museu, a fim de utilizar do ambiente acolhedor para as atividades.

RESULTADOS

Conseqüentemente, a devolutiva de todas as atividades, ações, pesquisas e trabalho árduo dos monitores do MCM, escotistas, jovens e responsáveis pelo MCM, e dirigentes centrou-se em elogios e bons comentários. Conseguindo, assim, a gratificação dos beneficiários com a conquista das especialidades trabalhadas e o estreitamento dos laços com as UELs, que alguns membros optaram por falar “deveríamos fazer sempre aqui” e com a Região Escoteira do RN tendo a iniciativa de convidar o MCM para outros eventos nos anos vigentes. Continuamente, houve o surgimento de novas ideias para explorar outras especialidades e conceitos escoteiros com os parceiros envolvidos nesta caminhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é, extremamente válido ressaltar que para todos os envolvidos, os conhecimentos adquiridos puderam transformar seu contemporâneo, em conjunto com gerar uma aprendizagem significativa (que garantiu o entendimento de conceitos mais complexos e distantes do dia a dia). E tais situações, puderam ser vistas indiretamente no decorrer de outras atividades em que, jovens e adultos, escotistas e monitores do museu, envolvidos ou não no Escotismo usaram os aprendizados em novos desafios, garantindo o êxito do esforço de nossa congregação MCM-Escoteiros, ou MusEscoteiros.

REFERENCIAL TEÓRICO

CARVALHO, Cristina. LOPES, Thamiris. O Público Infantil nos Museus. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 911-930, jul./set. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623652329>.

ALMEIDA, P.N. Educação Lúdica: Técnicas e Jogos Pedagógicos. 11ª ed. Edições Loyola: São Paulo, SP. 2003 Amorim, J.C.; Alexandre, I.J. O JOGO E A BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Revista Eventos Pedagógicos v. 2, n. 1 (2. ed. rev. e aum.), p. 159-168, jan./jul. 2011.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. Educ. Soc. [online]. 1997, vol.18, n.59, pp. 398-404. ISSN 0101-7330.

CAMARGO, H.M.M; Neves, R.L.R. Jogos e brincadeiras: a sistematização do trabalho pedagógico na disciplina de Didática e Prática de Ensino I, na Escola Municipal Lenival Correia Ferreira no 2º semestre, 2005. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 12 - N° 108 - Mayo de 2007.

DOHME, V e Dohme, V. Ensinando a criança a amar a natureza. Editora Vozes: Petrópolis, RJ. 2004.

ESCOTEIROS DO BRASIL. Guia de especialidades. 17ª edição. Curitiba/PR. 2020.

ESCOTEIROS DO BRASIL. Projeto Educativo Do Movimento Escoteiro. 2ª edição. Curitiba/PR. 2017.

MARANDINO, M; Selles, S.E.; Ferreira, M.S. Ensino de biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos. São paulo: Cortez. 2009. MEC. Portal do Professor. <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/index.html>.

MARANDINO, M; Marques, A.C.T.L. Alfabetização científica, criança e espaços de educação não formal: diálogos possíveis. Educ. Pesqui., São Paulo, v.44, 2018.

SECUNDINO, F. K. M.; SANTOS, J. O. L. dos. Educação especial no Brasil: um recorte histórico-bibliográfico. SciELO Preprints, 2023. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.5582. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/5582>. Acesso em: 7 feb. 2024.

BERSCH, R., 2017. Introdução à Tecnologia Assistiva. Disponível em http://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf.

PELOSI, M. Tecnologia Assistiva. In Leila Nunes et al. (org) Comunicar é preciso: em busca das melhores práticas na educação do aluno com deficiência. Marília: ABPEE, 2011. p.37-46.

VYGOTSKY (3): ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL. Youtube: Didatics, 2017. Disponível em: https://youtu.be/vUX3XJVPIWo?si=km9k-JZMqr_z2gX. Acesso em: 30 out. 2024.



Rede escoteira de profissionais da educação

Vania Dohme
São Paulo

Modalidade: Relato de experiência
Tema: Voluntariado flexível
Título: Rede Escoteira de Profissionais da educação

Vania D' Angelo Dohme
Doutora em Comunicação e Semiótica
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
50 anos de movimento escoteiro – Presidente Grupo Escoteiro Parecis
Coordenadora Regional de Estudos Escoteiros – Região de São Paulo
Coordenadora Nacional da Equipe de Ensino à Distância - Adjunta

INTRODUÇÃO

A Rede Escoteira de Profissionais de Educação é uma rede de intercâmbio de conhecimento, produções e participações entre profissionais de educação que atuam no Escotismo e profissionais de educação do Ensino formal do infantil à pós-graduação.

1. OBJETIVO DA EXPERIÊNCIA

O objetivo da Rede é oferecer um espaço para discutir a educação formal e informal e trocar experiências de ambos os lados, compartilhando programas escoteiros, experiências bem-sucedidas em sala de aula, trabalhos acadêmicos, produções teóricas escoteiras e facilitação da participação em Eventos Escoteiros e educacionais. Aprendendo, ensinado e aumentando nossa inserção na comunidade.

2. DESCRIÇÃO DO PROJETO

2.1 Funcionamento

A rede é composta pelos voluntários escoteiros que profissionalmente atuem no ensino formal, bem como estudantes da área educacional e por profissionais da educação formal não escoteiros em todos os níveis.

A inclusão dos profissionais não escoteiros se dará por meio de assinatura de acordo de trabalho voluntário, sendo desejável, mas não obrigatório, o registro escoteiro.



São ações da rede:

- Troca de experiência por meio de plataforma digital adequada, sendo desejável que esteja no Campo Escola Virtual com configuração do moodle que permita a postagem de conteúdo com espaço para comentários, sugestões e críticas. Esse conteúdo, pode ser das seguintes naturezas:
 - Relato de aplicações do programa escoteiro (profissionais da educação escoteiros)
 - Relato de experiências em sala de aula (profissionais de educação escoteiros e não escoteiros)
 - Artigos científicos produzidos ou indicado pelos membros
 - Indicação de links de webinar, conferências, palestras, etc.
- Produção periódica de webinar por membros da rede (voluntários escoteiros e não escoteiros) ou indicados por esses.
- Encontro presenciais semestrais para apresentação de trabalhos, trocas de experiências e discussões sobre formatação de conteúdos da rede.
- Para os profissionais da educação não escoteiros é:
 - Incentivada a participação de cursos abertos no CEV
 - Franqueada a participação em cursos presenciais como ouvinte
 - Estimulada a participação como especialistas em cursos regulares dentro de sua expertise
 - Estimulada a participação em Congressos e Seminários Escoteiros
 - Estimulada a participação pontual em Unidades Escoteiras Locais em atividades escoteiras e programação de especialidades.
- A participação de profissionais de educação participantes do Escotismo em eventos, cursos, congressos, seminários promovidos por instituições de educação formal.

Como membro da Rede o profissional de educação não escoteiro poderá fazer a sua promessa escoteira se assim desejar preparando-se para tal com o auxílio de um APF membro da rede e profissional de educação atuante como voluntário escoteiro.



2.2 Gestão

A rede é alocada na equipe regional de Estudos Escoteiros, esta parte da coordenação de Programa Escoteiro. Há um coordenador (profissional de educação e voluntário escoteiro) nomeado pelo titular da pasta que lidera uma equipe composta por seis membros, sendo três voluntários escoteiros e três profissionais não pertencentes ao escotismo.

Esta equipe delibera sobre a programação dos temas a serem abordados nos eventos presenciais e virtuais, faz a curadoria dos conteúdos postados na plataforma digital.

3. PRINCIPAIS DESAFIOS

- Incluir profissionais de educação não voluntários do escotismo.
- Encontrar um formato de moodle cujas postagens simulem uma rede social de forma a permitir interações de forma mais natural e passível de ser consultada com facilidade e a qualquer tempo pós postagem.

4. RESULTADOS

A Rede Escoteira de profissionais de educação da Região de São Paulo conta com cerca de 80 membros de vários pontos do estado, em uma proporção de cerca de 90% profissionais de educação voluntários escoteiros e 10% profissionais de educação não escoteiros.

Realizou um encontro presencial e um encontro virtual, com o objetivo de explicitar suas funções, um webinar e tem uma sala no CEV Regional ainda em implantação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A penetração do movimento escoteiro na sociedade tem sido uma preocupação constante, especialmente nos meios educacionais correlatos, a Rede Escoteira de Profissionais de educação traz uma proposta para aumentar as possibilidades de intercâmbio de conhecimentos e experiências.

A ideia tem sido muito bem aceita tanto pelos profissionais de educação escoteiro como não escoteiros, apresentando boas perspectivas de ampliação e produtividade.

Em tempos de fomento de um voluntariado mais flexível a rede apresenta-se como uma oportunidade de inserção na sociedade, visibilidade e valorização do método escoteiro e de aumento do potencial de voluntários capacitados e, até, altamente capacitados, para atuarem de forma pontual nas UEL e em realizações regionais e nacionais.



Seguindo as pistas de gêneros e sexualidades no currículo de um Grupo Escoteiro Coeducativo

Zilana Teixeira Marcelino¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Palavras-chave: Currículo. Gênero. Escotismo. Escoteiro. Análise do discurso foucaultiana.

¹ Mestre em Educação (2021) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN.
Insígnia da Madeira (2017).

Email: zilanamarcelino@hotmail.com; zilana.marcelino@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como ponto de partida a dissertação intitulada “Seguindo as pistas de gêneros e sexualidades no currículo de um grupo escoteiro coeducativo” (Marcelino, 2021) defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, em 2021. Investiga como as relações de gênero e sexualidade se manifestam no currículo de um Grupo Escoteiro coeducativo na cidade de Natal/RN e tem como questão central: Como as relações de gênero no currículo de um Grupo Escoteiro coeducativo produzem posições de sujeito generificadas?

O estudo busca responder como as práticas cotidianas em um ambiente escoteiro, voltado tanto para meninas quanto para meninos, refletem e constroem discursos sobre gêneros e sexualidades. Busca compreender ainda, como esses temas são incorporados nas práticas do Escotismo e quais são as formas como questões de gênero e sexualidade são tratadas dentro de um grupo escoteiro coeducativo, examinando esses emergem e são negociados no currículo dessas práticas educacionais.

Parte-se da premissa de que o currículo não se restringe ao âmbito formal das instituições escolares, sendo também constituído por práticas e interações cotidianas que moldam identidades e subjetividades. No contexto de um grupo escoteiro, as questões de gênero e sexualidade ganham relevância ao influenciar a forma como meninos e meninas se percebem e interagem. No cenário educacional contemporâneo, com o fortalecimento das discussões sobre direitos humanos, igualdade de gênero e diversidade, o Escotismo torna-se um ambiente oportuno para investigar como essas temáticas são abordadas em espaços fora do ensino formal, oferecendo práticas de aprendizagem social. Esse estudo visa compreender, pois, como as relações de gênero e sexualidade se manifestam, são reproduzidas e eventualmente questionadas dentro da estrutura e das práticas desse grupo.



OBJETO INVESTIGADO

O objeto central de investigação é o currículo de um grupo escoteiro coeducativo do qual emerge as práticas educativas com ensinamentos que são absorvidos pelos participantes por meio de interações e atividades comuns e cotidianas. A pesquisa foca em como as noções de gênero e sexualidade são transmitidas, desafiadas ou reforçadas no cotidiano do grupo escoteiro.

Assim, busca-se analisar as relações de gêneros e sexualidades estabelecidas no currículo de um Grupo Escoteiro coeducativo, na cidade de Natal/RN, examinando-se as práticas pedagógicas que moldam as subjetividades dos jovens em relação a essas questões, particularmente como o grupo organiza e vivencia as atividades de forma diferenciada e inclusiva para meninas e meninos. A investigação se propôs a explorar o currículo de um grupo escoteiro coeducativo, considerando o Escotismo como uma prática educativa que influencia na formação de valores, identidades e subjetividades dos jovens.

PROPÓSITO DA PESQUISA

A pesquisa objetivou identificar e analisar como as questões de gênero e sexualidade são tratadas no contexto de um grupo escoteiro coeducativo e compreender como essas questões são discutidas e moldadas nas atividades cotidianas do grupo, bem como os impactos dessas práticas sobre a formação das crianças e adolescentes participantes. Além disso, o estudo buscou lançar luz sobre a maneira como as práticas escoteiras dialogam com as discussões contemporâneas sobre gêneros e sexualidades.

Desse modo, buscou-se entender os modos pelos quais as práticas e interações dentro deste ambiente reforçam ou subvertem normas tradicionais sobre masculinidades, feminilidades e sexualidades e identificar como as noções de igualdade de gênero e diversidade sexual se manifestam nas dinâmicas do grupo e nas atitudes dos chefes e dos jovens escoteiros e escoteiras.

A partir desta pesquisa pensou-se em contribuir para a discussão sobre gênero e sexualidade em práticas educativas no Escotismo, especialmente em contextos onde a coeducação e a convivência entre meninas e meninos são uma realidade. Neste sentido, a investigação buscou não só mapear essas manifestações, mas também refletir sobre as potenciais transformações no Escotismo que possam promover uma inclusão mais ampla e consciente de questões relacionadas a gênero e sexualidade, reforçando o papel dos movimentos educacionais na formação de jovens críticos e inclusivos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa se apoia nos Estudos Culturais na compreensão de que diversos são os espaços de apreensão de conhecimento, ampliando a “compreensão do pedagógico e de seu papel fora da escola como o local tradicional de aprendizagem” (Giroux, 1995, p. 90). É por compreender que há aprendizagem além dos muros da escola, que entende-se o Escotismo como possuidor de um currículo, com conteúdos específicos que educam seus participantes, forjando subjetividades, produzindo um tipo de sujeito específico: “o” escoteiro.



A compreensão de currículo aqui adotada entende este que confere sentidos, constitui sujeitos, determina modos de ser e de se comportar, a partir de um conjunto de práticas pré estabelecidas (Paraíso, 2007). Essa concepção se baseia na teorização pós-crítica do currículo, que o vê não apenas com uma organização, como uma lista de conteúdos dispostos em uma “grade” ou no “como fazer”, na técnica, comum nas teorias tradicionais de currículo. As teorias pós-críticas vão além, questionam as escolhas dos conhecimentos a serem ensinados e o tipo de subjetividade esperada daqueles sujeitos foco de determinado currículo. Ou seja, busca “compreender o que o currículo faz” (Silva, 2015, p. 30, grifo do autor), entendendo-o como uma prática produtiva, uma prática de significação (Silva, 2001).

Para este estudo, compreende-se que o Escotismo possui um currículo, que este é genericado, como não poderia deixar de ser, e que produz uma significação específica para seus participantes, sendo essa instituição importante na formação dos que ali estão. Currículo é, então, o resultado da escolha de um conjunto de conhecimentos e saberes, com objetivo de produzir sujeitos de determinado tipo (Silva, 2015) e, para alcançar tal finalidade, todo currículo carrega em si “alguma noção de subjetivação e de sujeito” (Silva, 2002, p. 38). A partir dos conteúdos selecionados, compõe-se o tipo de sujeito desejado, ou seja, o currículo pretende necessariamente transformar algo no sujeito, partindo do pressuposto que algo nele precisa ser alterado (Silva, 2002).

Existem diversos currículos que disponibilizam diferentes lições, e dentre elas estão inseridos conteúdos sobre gênero. A teorização pós-crítica de currículo e os estudos feministas e de gênero aproximam-se ao questionar mais amplamente, o importante e crescente “papel do gênero na produção da desigualdade” (Silva, 2015, p. 91), trazendo à pauta que, inegavelmente, essa produção de desigualdade apresenta-se, também, na educação e nos currículos. As diversas instituições, suas práticas sociais e educativas são constituídas e constituintes dos gêneros (Louro, 1997), ou seja, elas são “genericadas”. Assim, o Escotismo, enquanto instituição educativa, com práticas sociais e culturais específicas, atravessado pelos gêneros e com uma ideia específica de que sujeito quer formar, tem produzido há mais de um século escoteiros subjetivados por seu currículo que vem sofrendo mudanças com o passar do tempo.

Com base nos estudos feministas e de gênero, gênero é tomado nesta pesquisa como uma ferramenta analítica e política, de apelo relacional “já que é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros” (Louro, 1997, p. 22). A partir do aspecto relacional é que a noção de feminino, ou o significado dado socialmente à mulher ganham um significado problemático (Butler, 2020). Pensando, então, nesse viés relacional, é possível entender que o espaço da mulher ou “qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro” (Scott, 1995, p. 75). Butler (2020) ainda reforça que essas relações de gênero são construídas social e culturalmente, e se diferenciam nos diversos momentos históricos.

Assim, as relações de gênero são entendidas como relações fabricadas, produzidas, como uma criação humana, não naturais ou fixas e, portanto, podem ser alteradas. Estudar e refletir sobre as relações de gênero e a histórica opressão e subordinação social das mulheres é de suma importância para vislumbrar a mudança no sentido de uma sociedade igualitária e sem hierarquia de gênero, como apontado por Rubin (2017). Para tal, olhar para essas relações nos mais variados espaços sociais, se mostra pertinente.

A abordagem foucaultiana sobre poder e disciplina é essencial para entender as relações de poder que são constituídas no campo discursivo das atividades escoteiras. Ao mencionar discursos, há referência ao simples ato da fala. Segundo Veiga-Neto (2007), a “prática discursiva não é um ato de fala, não é uma ação concreta e individual e de pronunciar discursos” (Veiga-Neto, 2007, p. 93). As práticas discursivas delineiam formas de entender, fabricar e dizer sobre



o mundo, e embora elas partam da nossa vontade, “essa não é a suficiente para gerá-la e fazê-la funcionar” (Veiga-Neto, 2007, p. 93). Dito de outra forma, o discurso é uma prática social, produzida “em razão de relações de poder” (Fischer, 2001, p. 199).

Na sociedade vários discursos circulam nos constituindo seres sociais, nos diferenciando uns dos outros, incluindo umas e excluindo outras. Alguns desses discursos e seus ensinamentos são: o discurso biológico que estabelece que, em razão da natureza biológica, mulheres e homens são mais ou menos aptos para determinadas atividades; o discurso heteronormativo define que um casal, para ser reconhecido e aceito, deve ser formado por uma mulher e um homem; o discurso homofóbico define que pessoas que vivem sua sexualidade de forma diferente da heterossexual são aberrações ou tidas com alguma patologia da qual precisa ser tratada e curada, entre outros.

METODOLOGIA

A pesquisa da qual este resumo se deriva é um estudo que utilizou uma abordagem etnográfica para observar o cotidiano de um grupo escoteiro coeducativo na cidade de Natal/RN entre setembro de 2019 e março de 2020. A investigação foi realizada junto às tropas escoteira e sênior visto que as características dessas faixas etárias estão relacionadas ao autoconhecimento, aceitação e aprimoramento das características pessoais, formação de identidade e a superação de desafios, o que poderia ser um campo fértil para a pesquisa.

Estudos de base etnográfica, por meio de observações e entrevistas, por exemplo, geraram informações a serem analisadas (Jardim, 2013). Trata-se de um método de pesquisa, em que a pesquisadora busca compreender, em pesquisa de campo, segundo Fonseca (1999, p. 59), “o que ‘está sendo dito’ por [seus] interlocutores”, trazendo as análises, questionamentos e reflexões. Foram utilizadas, então, ferramentas de base etnográfica: a observação com anotações em diário de campo e entrevistas.

Também foram analisados alguns documentos e literaturas disponibilizadas aos jovens participantes do Grupo Escoteiro, a saber: os documentos que tratam da implantação da coeducação no Escotismo brasileiro; documento regulamentador do Movimento Escoteiro brasileiro; o Projeto Educativo do Movimento Escoteiro; os livros de bolso disponibilizados às jovens ingressantes nas tropas escoteira e sênior, utilizados como parâmetro e guia para as etapas a cumprir em sua progressão, entre outros documentos.

O tratamento das informações teve inspirações foucaultianas de análise do discurso, partindo do pressuposto de que “a ‘realidade’ se constrói dentro de tramas discursivas” (Paraíso, 2012, p. 28). Para analisar o discurso devemos permanecer no que foi dito, questionar a linguagem, questionar por que tal coisa foi dita (Foucault, 2008). Assim, sendo esta uma pesquisa pós-crítica, buscou-se formas de descrição e análise a fim de “trabalhar com o próprio discurso para mostrar os enunciados e as relações que o discurso coloca em funcionamento” (Paraíso, 2012, p. 28).

Foi no lócus escolhido para a pesquisa que se observar como jovens de 11 a 17 anos, meninas e meninos sujeitos da pesquisa, interpretam, formulam e atribuem sentidos ao mundo (Corazza, 2001) e destacar que significações partem dos ensinamentos ali realizados, no que se refere às relações entre os gêneros, a partir do objeto desta pesquisa: As relações de gênero estabelecidas no currículo de um Grupo Escoteiro coeducativo.



RESULTADOS

Os resultados da pesquisa indicam que, embora o Movimento Escoteiro nacional promova uma ideia de igualdade entre meninos e meninas, as práticas cotidianas no grupo escoteiro analisado revelam a presença de normas e estereótipos de gênero tradicionais reproduzindo, em grande medida, normas tradicionais de gênero. Algumas práticas ainda repetem lugares e funções instituídos socialmente e que (re)produzem os discursos biológico e machista, presentes no currículo analisado. Discursos que reforçam modos de ser diferentes para meninas e meninos, com lições que ensinam que algumas tarefas são melhor executadas por elas e outras por eles. Por exemplo, meninas e meninos são frequentemente incentivados a desempenhar papéis diferentes nas atividades, com as meninas sendo vistas como mais aptas para tarefas relacionadas ao cuidado e organização, enquanto os meninos são associados a atividades que envolvem força física e liderança. Contudo, também existem tentativas de subverter ou contestar essas normas. Algumas meninas desafiavam ativamente os estereótipos, engajando-se em atividades tradicionalmente masculinas, como a liderança em acampamentos e a participação em tarefas de construção. O estudo identificou que o ambiente escoteiro lida de forma ambígua com questões relacionadas à diversidade sexual. Comentários e piadas sobre relacionamentos e orientações sexuais surgem, e a forma como são tratadas pelos adultos reflete os desafios enfrentados para lidar com a diversidade sexual em um ambiente que, em muitos casos, ainda valoriza a heteronormatividade. A resposta dos adultos varia entre a aceitação silenciosa e a tentativa de reprimir essas manifestações.

Ainda como resultados encontrados, observou-se no currículo analisado, pouca ou nenhuma prática que eduque sobre gêneros e sexualidades, especialmente sobre respeito às diferenças. As lições, ao contrário, são as que instruem sobre o preconceito e a instituição da heterossexualidade como regra, as práticas cotidianas ainda são permeadas por estereótipos de gênero. Foi constatado que, em muitos casos, a heteronormatividade ainda é assumida como regra, e discursos preconceituosos e conservadores não são contestados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o currículo escoteiro necessita de adequações para que se proponham constantes práticas que reflitam sobre as relações de gêneros e sexualidades. Essas adequações perpassam a revisão de literatura, de regras e treinamento dos adultos e, conseqüentemente, adequações nas práticas escoteiras. Dessa forma, a coeducação pretendida desde a década de 1980, não tem sido utilizada como recurso para combater desigualdades de gênero. Ainda assim, algumas poucas ações foram identificadas e postas em prática nesse sentido, contudo, de forma ainda muito incipiente.

Apesar dos esforços do movimento escoteiro para promover a igualdade entre meninos e meninas, as práticas cotidianas em um grupo escoteiro coeducativo ainda estão profundamente marcadas por normas tradicionais de gênero. No entanto, essas normas são contestadas e negociadas pelos próprios escoteiros e escoteiras, que encontram formas de resistir aos estereótipos e expandir suas possibilidades de atuação.



O movimento escoteiro tem um grande potencial para promover uma educação mais inclusiva e igualitária, mas que isso exige uma reflexão mais profunda e sistemática sobre as questões de gênero e sexualidade. É necessário que adultos estejam mais bem preparados para lidar com a diversidade e que o currículo, seja repensado para abarcar uma visão mais ampla e crítica sobre essas questões. Em última instância, o estudo contribui para a discussão sobre o papel das práticas educativas informais na construção de identidades de gênero e na promoção de uma cultura de respeito à diversidade sexual.

Para que a coeducação cumpra seu papel de promoção da igualdade, é fundamental revisar os conteúdos e as práticas pedagógicas adotadas. Sugere-se uma abordagem que contempla a diversidade e a inclusão, por meio de ações que questionam estereótipos e favorecem a equidade de gênero; a adoção de materiais didáticos que promovam o respeito às diferenças e o combate aos preconceitos; treinamento específico para adultos do movimento escoteiro, capacitando-os a lidar com temas relacionados a gênero e sexualidade de forma construtiva. Somente com adequações como essas o Escotismo poderá cumprir seu papel na formação de jovens conscientes e comprometidos com a justiça social e a igualdade de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 19. ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CORAZZA, Sandra. O que quer um currículo?: pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001. 150 p.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. Cadernos de Pesquisa [online]. 2001, n. 114, p. 197-223. ISSN 0100-1574. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>. Acesso em: 31 maio 2019.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. Revista Brasileira de Educação, p. 58-78, jan.fev.mar.abr. 1999.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves.

GIROUX, Henry A. Praticando estudos culturais nas Faculdades de Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 85-103.

JARDIM, Juliana Gomes. O uso da etnografia na pesquisa em educação. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 11., 2013, Curitiba. Anais... Curitiba: Champagnat, 2013. p. 7224-7233.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCELINO, Zilana Teixeira. Seguindo as pistas de gêneros e sexualidades no currículo de um Grupo Escoteiro Coeducativo. 2021. 249 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

PARAÍSO, Marluicy Alves. Currículo e mídia educativa brasileira: poder, saber e subjetivação. Chapecó: Argos, 2007. 274 p.



PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza. 2012. p. 23-45.

RUBIN, Gayle. Políticas do sexo. Tradução de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu, 2017. 144 p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 120 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Dr. Nietzsche, curricularista: com uma pequena ajuda do professor Deleuze. In: MOREIRA, Antônio Flávio; MACEDO, Elizabeth Fernandes de. Currículo, práticas pedagógicas e identidades. Porto: Porto, 2002, p. 35-52.

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 156 p.

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault & a Educação. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 160 p. (Pensadores & Educação, 5).



Método Educativo Escoteiro e Transdisciplinaridade: contribuições para sustentabilidade

Patrícia de Albuquerque Sobreira

Doutoranda em Ciências Ambientais – UniEVANGÉLICA, Docente do Curso de Direito – FCA, Analista Judiciário do TJGO, Bolsista da EJUG, IM Linha Escotista e Dirigente, Coordenadora do Distrito Centro-Oeste da Região Escoteira de Goiás, E-mail: patriciadeasobreira@gmail.com

Lucimar Pinheiro Rosseto

Doutora em Ciências (área de concentração: Química) – UNICAMP, Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente – UniEVANGÉLICA, E-mail: lucimar.rosseto@unievangelica.edu.br

INTRODUÇÃO

O Escotismo começou em 1907, com o britânico Robert Stephenson Smyth Baden-Powell. Hoje, o Movimento Escoteiro (ME) é formado por crianças e jovens dos Ramos: Lobinho (6,5 anos a 10 anos), Escoteiro (11 a 14 anos), Sênior (15 a 17 anos) e Pioneiro (18 a 21 anos). Através da prática do trabalho em equipe e da vida ao ar livre, o método escoteiro faz com que o jovem assuma seu próprio crescimento, tornando-se um exemplo de fraternidade, altruísmo, responsabilidade, lealdade, respeito e disciplina (Baden-Powell, 1982).

O Movimento Escoteiro tornou-se uma ferramenta de fundamental importância para estes jovens no que diz respeito à aquisição de valores positivos relacionados ao contexto familiar, educacional e ambiental. A natureza é o princípio de todas as coisas, ou seja, a priori, é dela que tudo parte. Já o ato de educar é um movimento de aperfeiçoamento e transcendência pessoal. O escotismo, por ser uma educação não-formal, é uma forma de educar os jovens que dele fazem parte por meio do aprendizado constante com a natureza (MENDES, 2012).

Por meio do método escoteiro, o “Aprender Fazendo”, prega o aprendizado pela prática, pela ação, valorizando o treinamento para a autonomia baseado na autoconfiança e iniciativa, desenvolvendo os hábitos da observação e dedução (UEB, 2021).

Este trabalho se justifica pela necessidade em demonstrar a importância dos métodos educativos escoteiros, através da educação transdisciplinar, em prol das questões ambientais que têm afetado o planeta Terra. Neste ano, diversas nações têm se reunido na Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas para criar uma agenda efetiva para a diminuição da poluição do planeta e para a mitigação das crises alimentar e energética. A agenda 2030, por sua vez, também apresenta objetivos para o desenvolvimento sustentável (ODS), sendo necessário verificar os projetos e ações que resultaram ou resultam em impactos ambientalmente amigáveis. E, dentro desta perspectiva têm-se os seguintes questionamentos:



i) Como o método escoteiro, sendo uma educação não-formal, pode contribuir para a educação ambiental das crianças e adolescentes? ii) Como a prática do escotismo pode formar cidadãos reflexivos, autônomos e investigativos, que aprendam a pensar de modo multidimensional, ampliando, transcendendo e religando os conhecimentos, conforme prevê a educação transdisciplinar?

OBJETO DE ESTUDO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo, as crianças e os adolescentes do Grupo Escoteiro Bernardo Sayão, localizado no Parque Ambiental Antônio Marmo Canedo – Parque da Matinha - no município de Anápolis/GO – Brasil.

PROPÓSITO DA PESQUISA

O objetivo da pesquisa é analisar a prática do escotismo e seus benefícios socioambientais e educacionais para crianças e adolescentes do Grupo Escoteiro Bernardo Sayão, através da atividade Insígnia Reduzir, Reciclar e Reutilizar (3R's).

REFERENCIAL TEÓRICO

O Escotismo é um movimento mundial, educacional, voluntariado, que tem como objetivo o desenvolvimento das crianças, adolescentes e jovens através de sistema de valores que privilegia a honra, prática do trabalho em equipe e da vida ao ar livre, fazendo com que os mesmos sejam protagonistas de seu próprio crescimento (UEB, 2001).

Conforme estabelecido pela UEB em 2021, o Projeto Educativo “Somos um movimento de educação não formal, que coopera com outros agentes educativos como a família e a escola, buscando o desenvolvimento integral e a educação permanente das crianças, adolescentes e jovens” (UEB, 2021, p. 05).

“A educação tal como eu a entendo não consiste em introduzir no cérebro da criança uma certa dose de conhecimentos, mas sim, em despertar-lhe o desejo de conhecer e indicar-lhe o método de estudo” (BADEN-POWELL, 1930, p. 12).

A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Ela abre janelas para compreensão das pessoas e suas relações sociais que sua comunidade envolve (GOHN, 2006).

O método educativo escoteiro também é caracterizado por uma educação transdisciplinar. A transdisciplinaridade possui sistemas de níveis e objetos múltiplos objetivando a compreensão global do mundo (ROQUETE, 2012).

Ao romper as fronteiras entre uma disciplina e outra, a transdisciplinaridade busca a compreensão dos fenômenos e a aquisição de conhecimentos de maneira holística e contextualizada. O conhecimento adquire uma característica transversal, pois ele atravessa todas as disciplinas de alguma forma.



Segundo Sommerman, Mello e Barros (2002, p. 09) a transdisciplinaridade é:

“ [...] uma teoria do conhecimento, é uma compreensão de processos, é um diálogo entre as diferentes áreas do saber e uma aventura do espírito. [...] é uma nova entre as diferentes áreas do saber e uma aventura do espírito. [...] é uma nova articular a multirreferencialidade e a multidimensionalidade do ser humano e do mundo. [...] Implica, também, em aprendermos a decodificar as informações provenientes dos diferentes níveis que compõem o ser humano e como eles repercutem uns nos outros. A transdisciplinaridade transforma nosso olhar sobre o individual, o cultural e o social, remetendo para a reflexão respeitosa e aberta sobre as culturas do presente e do passado, do Ocidente e do Oriente, buscando contribuir para a sustentabilidade do ser humano e da sociedade. [...]”

O Método Educativo Escoteiro apoia os jovens para que sejam protagonistas de seu processo educativo. Para tal, recorre à aprendizagem por meio da ação, valorizando a curiosidade, os questionamentos, a experiência e a autonomia como fontes de conhecimento da sua realidade local, nacional e internacional, presentes na educação transdisciplinar.

A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (NICOLESCU, 2000).

No próximo item, será descrita a pesquisa realizada sobre o método educativo escoteiro e educação transdisciplinar através das atividades da Tribo da Terra.

METODOLOGIA

Desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica e de campo, com abordagem qualitativa de materiais coletados nas bases de dados, entre as quais: SciELO, Google Acadêmico, Escoteiros do Brasil. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: escotismo, métodos educativos escoteiros, educação ambiental, educação não formal, transdisciplinaridade, desenvolvimento sustentável.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade Evangélica de Goiás, conforme parecer de número 6.867.118 e assim, todos os registros fotográficos estão em consonância com a Resolução nº 466/2012 e Resolução nº 510/2016. Também, utilizou-se como fontes bibliográficas capítulos de livros, dissertações e teses que trataram sobre o assunto e aprofundaram a análise da temática.

Foram realizadas visitas técnicas semanais ao Grupo Escoteiro Bernardo Sayão (GEBS), no período de 15 de outubro a 25 de novembro de 2022, localizado no Parque Ambiental Antônio Marmo Canedo – Parque da Matinha - no município de Anápolis/GO – Brasil.

A pesquisa teve como foco apenas os lobinhos e escoteiros, os quais estavam no período deste estudo, realizando a atividade escoteira com a Insígnia: Reduzir, Reciclar e Reutilizar – que foi proposta pela Diretoria do Grupo Escoteiro, reutilizando as tampinhas plásticas de garrafas PET para confeccionar: jogo da velha, porta-lápis, “fidget spinner”, apoio para copo e prato plástico.

RESULTADOS

A educação ambiental e a sustentabilidade ambiental são preocupações do ME conforme observado em documentos e programas desenvolvidos ao longo da história. Em 2022 foi publicado o Manual Tribo da Terra (Earth Tribe) - Educação ambiental para uma comunidade global que protege o planeta. Nele constam três insígnias: Insígnia Campeões da Natureza; Insígnia Reduzir, Reciclar e Reutilizar e Insígnia Escoteiros pela Energia Solar, que buscam especificamente abordar questões ambientais e de sustentabilidade, tais como mudanças climáticas, promoção de hábitos sustentáveis para um estilo de vida ecológica e saudável, e a conexão com a natureza através de iniciativas que busquem protegê-la (UEB, 2022).

Os membros do Grupo Escoteiro Bernardo Sayão realizaram duas atividades relacionadas a esta Insígnia dos 3R's, cuja tema do projeto foi “Planeta Limpo”. O objetivo do projeto foi relacionado ao consumo responsável e ao processo de reduzir, reutilizar e reciclar (3R's) os resíduos produzidos no cotidiano.

Durante quatro meses anteriores à visita, os lobinhos e escoteiros juntaram tampinhas plásticas (de garrafas PET) e após, participaram de várias oficinas e com a orientação de um Chefe Escoteiro (adulto voluntário), confeccionaram com as tampinhas coletadas: jogo da velha, porta-lápis, “fidget spinner”, apoio para copo e prato plástico (Figura 1).

Figura 1 – Oficina de Porta-lápis e Apoio para Copo no Grupo Escoteiro Bernardo Sayão Anápolis, GO, Brasil.



Fonte: Autora (2022)



Após as atividades, os lobinhos e escoteiros conversaram com os Chefes Escoteiros e refletiram sobre seu papel com relação à redução dos impactos ambientais. Finalizaram as atividades conscientes de que seus cotidianos afetam a vida em todo o planeta e propuseram mudar suas atitudes para que sejam ecologicamente corretas, reduzindo o uso de sacolas plásticas, canudinhos plásticos e copos descartáveis; reutilizando as tampinhas de garrafas PET e reciclando tampinhas e garrafas PET.

Reche (2020) compara a transdisciplinaridade com o ser humano, dizendo que para se formar o humano é através da própria humanidade de ser, viver e pensar. Assim como ser transdisciplinar, é ter liberdade além da fronteira, não estar preso a poucas fontes para encontrar a verdadeira essência humana.

O método educativo escoteiro adota uma visão humanista da educação, que “contribui na conquista de um modelo de desenvolvimento sustentável, no qual o respeito ao meio ambiente, a preocupação com a paz, com a saúde, a inclusão e a justiça social orientam o crescimento de nossas comunidades” (UEB, 2021, p.7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método educativo escoteiro se apresenta como alternativa de educação não formal e transdisciplinar, que oferece atividades ao ar livre, em contato com a natureza, para formação do caráter dos seus associados e assim, educando para a sustentabilidade, preservando e conservando o meio ambiente para as futuras gerações. Nesta pesquisa, foi demonstrado que o Grupo Escoteiro Bernardo Sayão 2GO se preocupa e realiza atividades sobre questões ambientais e de sustentabilidade, como a Atividade Tribo da Terra - Insígnia Reduzir, Reciclar e Reutilizar, onde coletaram várias tampinhas plásticas para confecção de jogo da velha, porta lápis, *fidget spinner*, apoio para copo e prato plástico.

Através da educação transdisciplinar, com a execução de atividades ao ar livre, o escotismo pretende oferecer outros espaços de aprendizagem, além da casa e da escola, em contato com a natureza, já que, durante essas atividades, aprende-se sobre o desenvolvimento da vida, experimentam-se novas formas de interação com os outros e com o ambiente, auxiliando as crianças e adolescentes a transformar as experiências em aprendizado e desenvolvendo o senso do cidadão ecológico.

O Movimento Escoteiro complementa a escola e a família respondendo as necessidades que elas não possam satisfazer sozinhas. Encoraja o autoconhecimento, o desejo de descobrir e a vontade de saber dos jovens para além dos muros da escola, aprendendo com os outros e ensinando-lhes o que sabem. O Escotismo desempenha um papel complementar para o desenvolvimento pessoal do indivíduo, sendo um agente de educação não formal, contribuindo com a educação formal e informal.

REFERÊNCIAS

- BADEN-POWELL, R. S. Escotismo para rapazes. Curitiba: Editora UEB, 1975
- BADEN-POWELL, R. S. Guia do chefe escoteiro. Curitiba: Editora UEB, 1982.
- BADEN-POWELL, R.S. Lições da Escola da Vida. Curitiba: Editora UEB, 1930.
- GOHN, M. G. Educação não-formal na pedagogia social. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034, Acesso em mar. 2006.
- MENDES, B. M. A influência do Movimento Escoteiro na formação do Cidadão Ecológico. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Disponível: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/EnCiMat_MendesBM-1.pdf, Acesso em mar. 2012.
- MORAES, M. C. Pensamento Ecosistêmico Educação, Aprendizagem E Cidadania. Educação Transdisciplinar: Escolas Criativas e Transformadoras (13-46). Palmas: EDUFT, 2020.
- NAGY, L. 250 Milhões de Escoteiros. Editions Pierre – Marcel Favre Public S/A”, 1985.
- NICOLESCU, B. Um novo tipo de conhecimento- Transdisciplinaridade. UNESCO. Educação e Transdisciplinaridade. (06-25). <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127511>, 2000.
- RECHE, B. D. Por uma Formação Humana: A Educação Transdisciplinar. Revista Humanitaris, <http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/revistahumanitaris/article/view/424>, 2020.
- ROQUETE, F. F.; AMORIM, M. M. A.; CARVALHO D. V. Multidisciplinaridade, Interdisciplinaridade E Transdisciplinaridade: Em Busca De Diálogo Entre Saberes No Campo Da Saúde Coletiva. R. Enferm. Cent. O. Min., v. 2, n. 3, p. 463-474, 2012.
- SOMMERMAN, A. MELLO, M. F.; BARROS, Vitória M. Educação e transdisciplinaridade II. Coordenação Executiva do CETRANS. São Paulo: TRIOM, 2002.
- UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. As características essenciais do escotismo. Curitiba: UEB, 2001.
- UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. Projeto educativo do movimento escoteiro. Curitiba: UEB, 2021.
- UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. Tribo da Terra – Educação ambiental para uma comunidade global que protege o planeta. 1ª edição. Curitiba: Escoteiros do Brasil, 2022.



Escotismo e a Educação Não-formal

Charlon Silles de Souza Gomes
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do RN - IFRN
charlon.silles@escoteiros.org.br

INTRODUÇÃO

O Escotismo enquadra-se na educação não-formal e procura alcançar seu propósito educativo, tendo como base um projeto de educação. Dessa forma, procura satisfazer as necessidades educacionais de cada jovem na medida em que estas se apresentam, bem como continua estimulando o desenvolvimento em todas as áreas e admite que cada pessoa tenha diferentes potencialidades e, por isso, procura ajudar cada jovem a desenvolver ao máximo suas habilidades, ou seja, fazer o seu melhor possível.

A partir dessas considerações, propõem-se as seguintes questões: O que é educação não-formal e o que a difere da educação formal e da educação informal? Como se desenvolve a educação não-formal no Escotismo? Qual a importância do Escotismo como educação não formal para a sociedade? Quais os resultados que a educação não-formal, na prática do Escotismo, produz na sociedade?

Desde a Conferência Internacional de Educação para o século XXI em 1996, promovida pela UNESCO, em que foram definidos e sugeridos três tipos de agentes educativos, além de adotados os quatro pilares da educação, a educação passou a conhecer melhor o sistema com o qual o Movimento Escoteiro-ME trabalha, enquanto instituição de educação não-formal com um método e um projeto educativo existente há quase um século, cuja aplicação se reflete na formação do caráter dos cidadãos, na sociedade. Embora dotado de importantes referências educacionais, o Escotismo não visa substituir instituições como família, escola e igreja nem tampouco as formas de educação formal ou informal, mas, sim, complementar essas instâncias, fazendo com que os jovens assumam seu próprio desenvolvimento.

Para que se possa chegar a um ponto em que haja uma colaboração útil, pretende-se investigar as contribuições do ME enquanto instituição de educação não-formal e portadora de um projeto educativo funcional para a formação social das crianças e jovens participantes, tendo como objetivos:

Compreender que o ME trabalha com atividades não-formais que contribuem para a educação formal.

- Interpretar a importância da educação não-formal para a sociedade e a Educação.
- Identificar as diferenças entre educação formal, educação informal e educação não formal.

Justifica-se por ser o Escotismo o movimento de educação não-formal mais antigo do mundo, tendo compromisso com a educação permanente dos jovens, visando o reinício da vida a cada momento, o que a converte numa aprendizagem que nunca se conclui. Dessa maneira, pode-se afirmar que nenhum aspecto da educação pode ser reduzido ao sistema escolar ou a



um período da vida, já que o ser humano tem necessidade de aprender ao longo de toda sua existência, razão pela qual esse método singular exerce um papel específico e característico na educação dos jovens, que devem identificar seu próprio espaço no espectro da oferta educativa para os mesmos.

O ME é não-formal pois está organizado e estruturado com um projeto educativo específico que inclui um método claramente definido. Por esses motivos que se pretende mostrar a relação funcional do escotismo para com a educação não-formal e que contribui para a educação formal do ser.

Para alcançar os objetivos propostos, será realizada uma pesquisa bibliográfica, valendo-se de coletâneas de textos sobre o Movimento Escoteiro e de pensador como Vygotsky, para obter uma fundamentação teórica consistente. Serão ainda pesquisados documentos oficiais de órgãos governamentais sobre projetos de educação não-formal, bem como sites na Internet como o do Ministério da Educação, do Movimento Escoteiro e de Universidades e Faculdades que ofereçam cursos na área de Educação, entre outros para retirada de informações oficiais como Leis e Parâmetros. E, por fim, serão feitas considerações, ponderando, justificando e explicando diferenças e métodos utilizados pela educação não-formal, para chegar a algumas conclusões.

O ESCOTISMO E A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

É difícil falar do Escotismo sem falar de seu fundador, mais conhecido pelo nome de Baden-Powell e carinhosamente chamado pelos membros do ME de B-P. Resolveu escrever um livro cujo público-alvo seria os jovens, livro que deveria mudar a vida de milhares de jovens em todo o mundo. E sua maior inspiração seria sua própria história, sua experiência de vida.

Assim como alguns estudiosos, B-P também defendia a educação de jovens ao ar livre, utilizando-se de atividades esportivas e prestação de serviço ao próximo, entre outras coisas. Em oposição a métodos habituais e convencionais de ensino, alguns educadores profissionais, como Montessori e Freinet, defendiam, isoladamente, as vantagens da auto-educação. No entanto, B-P foi o primeiro a transformar suas experiências e história de vida em um modelo pedagógico disponível, em especial, aos jovens. Com intuito de escrever algo útil ao presente assim como ao futuro e objetivando o desenvolvimento dos jovens para a paz, pois seu livro "*Aids to Scouting*", em 1899, havia sido popular junto aos jovens mesmo tendo público-alvo os militares. Suas idéias, para seu livro, eram únicas e originais para a época, por defender a formação de cidadãos íntegros, pelo autodesenvolvimento, os quais se auto responsabilizavam por sua educação, com a colaboração voluntária dos adultos.

Com este objetivo, B-P resolveu testar seu modelo pedagógico, viajando para a Ilha Browsea, que se localiza no Canal da Mancha, entre a Inglaterra e a França. Havia convidado 20 jovens, dos quais a maioria era composta por estudantes de escolas da periferia mais pobre de Londres; alguns filhos de agricultores; e outros, de operários, e todos possuíam poucos recursos financeiros. Esses jovens desenvolveram de tal forma um espírito de equipe, que realizavam suas tarefas sem a necessidade de ordens. A imposição hierárquica, que é própria do sistema militar, nessa realidade era substituída por um "código de honra", que funcionava sem nenhum pensamento em recompensas ou punições, o que é comum não apenas no sistema militar, mas também na própria educação formal, na qual os jovens são "promovidos" ano após ano ou incentivados por seus pais a serem aprovados a fim de receberem algo em troca ou para não serem punidos. Essa primeira experiência, que teve sucesso absoluto, começava a história do Escotismo. Através disso, B-P conclui seu livro "Escotismo para Rapazes", que passa a ser vendido em bancas de revistas e jornais, em fascículos quinzenais, com bastante procura.



Seguindo fielmente o que BP escreveu em seu livro, como se fosse um manual, logo os jovens trataram de se agrupar em patrulhas e tropas para a prática do Escotismo.

Ao perceber o que estava acontecendo, B-P se deu conta de que havia nascido um novo sistema de educação, um modelo inovador e moderno, que não pretendia substituir nenhum grupo social como escola, família, entre outros, mas simplesmente objetivava contribuir para com todos estes, de maneira que não houvesse uma formalidade, assim como existe na educação formal, mas com um propósito e objetivos muito bem definidos. Assim foi concebida essa experiência de educação não-formal.

Educação não-formal, pode-se afirmar que são atividades ou programas organizados fora do sistema regular de ensino, com objetivos educacionais bem definidos, geralmente por um projeto político pedagógico ou projeto educativo.

De acordo com a UNESCO (1997 apud INEP, s.d.), "os programas de educação não formal não precisam necessariamente seguir o sistema de "escada", podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados da aprendizagem obtida".

Nesse sentido, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e a flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto. (AFONSO, 1989 apud SIMSON, PARK e FERNANDES (Orgs.) 2001, p.09).

Na educação não-formal, podem existir atividades que, além de serem úteis ao ser humano, podem ser úteis a sociedade. Entende-se que a educação não-formal direciona uma concepção com várias dimensões, tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor.

Por se chamar educação não-formal, não quer dizer que não exista uma formalidade, e também seu desenvolvimento não seja educacional. Ela caracteriza-se por exercer uma maneira diferente de trabalhar com a educação em paralelo à Escola e à Família, passando a ser um complemento destes e de outros grupos sociais, podendo-se afirmar que "nada pode substituir o sistema formal de educação, que nos inicia nos vários domínios das disciplinas cognitivas" (DELORS, 2004, p.18), pois a educação formal é essencial ao ser humano.

UMA BREVE INTERPRETAÇÃO DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Entendendo educação não-formal como educação para a cidadania, esta educação abrange os seguintes eixos: "educação para justiça social; para direitos (humanos, sociais, políticos, culturais etc.); para a liberdade; para igualdade; para democracia; contra discriminação; pelo exercício da cultura, e para a manifestação das diferenças culturais". (GOHN, 2006)



A educação não-formal é um termo, de certa maneira, ambíguo, pois possibilita diversas possibilidades de uso. É usado para conceituar ações, relações entre indivíduos, mas também é utilizado como uma definição de organização institucional. Na concepção de Gohn (2001), educação não-formal são práticas que capacitam os indivíduos tanto para solução de problemas coletivos como para a aprendizagem de habilidades para o trabalho, de conteúdos da escolarização formal, de direitos, de recursos desenvolvidos na e pela mídia, de convívio social, famílias e comunidade como um todo.

Abrindo um parêntese no recorte temporal e partindo da concepção atual de educação não-formal da autora Gohn, Baden-Powell idealizou e realizou em 1907 ações educativas (educação não-formal) na Ilha de Brownsea na Inglaterra. Essa experiência deu origem ao Escotismo. Em 1910, o ME chega ao Brasil através da Marinha do Brasil. Quando observados, os conteúdos são melhores assimilados, e o convívio social torna-os mais estimulantes, comprovando assim a contribuição da educação não-formal para o processo de aprendizagem.

Em relação ao planejamento dos saberes e fazeres, tem-se o Ciclo de Programa, que é a forma como se articulam as atividades. É um instrumento educativo que converte em sistema a consulta aos jovens transformando o aprender fazendo em construção de conhecimento cíclico em quatro fases sucessivas, a saber:

- Conclusão da avaliação pessoal, diagnóstico da Tropa e pré-seleção de atividades - o diagnóstico é feito nos Conselhos de Patrulha e na Corte de Honra, tendo caráter geral; 2) Proposta e seleção de atividades - concluído o diagnóstico, é fixada a ênfase para o ciclo que se inicia e as atividades são pré-selecionadas;
- Organização, projeto e preparação de atividades - preparação da proposta com todas as atividades de patrulha e de tropa; e
- Desenvolvimento e avaliação de atividades e acompanhamento da progressão pessoal - são definidos os objetivos, realizam-se e avaliam-se as atividades que alimentam a avaliação da progressão pessoal. Nesse momento começa um novo ciclo de programa.

Quanto à avaliação dos saberes, convém perguntar: como saber se está havendo crescimento, desenvolvimento e construção de conhecimento no Movimento Escoteiro? Nesse sentido, acontece a avaliação da progressão pessoal.

ESCOTISMO, ALTERNATIVA EDUCACIONAL NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Diante do que foi visto, a educação é essencial para a vida do “homem”, tendo em vista que, só através dela, há conquistas e desenvolvimento e pode-se exercer cidadania com a construção de uma sociedade inclusiva. É preciso que haja a consciência de que educação é um direito do homem e um dever do Estado, por ser considerado insubstituível aos cidadãos, ante as diversas instituições em que está inserido, quer seja na família, igreja, escola.

Partindo dessa ideia, há mais de um século, semanalmente o Movimento Escoteiro reúne em mais de 216 países, milhões de crianças e jovens para desenvolver atividades de educação não-formal, de acordo com as orientações do seu Projeto Educativo, o qual é fundamentado por seu Propósito, Princípios e Método Escoteiro.



O Projeto Educativo do ME, é de suma importância para guiar os educadores dessa instituição, tendo em vista que tal plano confere consistência de educação ao escotismo e o norteamento deste projeto educativo é funcional para qualquer modelo de educação não-formal, principalmente para o Escotismo uma vez que este é específico.

Os jovens devem ser os principais agentes de seu próprio desenvolvimento, mesmo aqueles com incapacidades, e o ME deve oferecer-lhes – assim como faz aos demais jovens – plenas oportunidades para envolvimento e participação.

O outro é sempre alguém importante, assim é a educação não-formal, que procura fazer com que cada um tome consciência de si próprio e do meio que o rodeia, a fim de desempenhar o papel social que lhe compete enquanto cidadão.

Com isso, a educação formal é beneficiada com a ação do escotismo na educação não formal, considerando que há reflexos em todas as áreas de que os indivíduos participam, e, como a escola é uma das instituições primordiais à vida do homem, ela é uma das primeiras instituições a se beneficiar com os resultados.

Articular a educação, em seu sentido mais amplo, com os processos de formação dos indivíduos como cidadãos ou articular a escola com a comunidade educativa de um território é um sonho, uma utopia, mas também uma urgência e uma demanda da sociedade atual. Por isso trabalhamos com um conceito amplo de educação que envolve campos diferenciados, da educação formal, informal e não-formal.

Diante do exposto e partindo do pensamento de que educação não-formal define-se como qualquer ação educacional e intencional realizada fora do âmbito do sistema formal, acreditamos ser o ME um modelo funcional de educação não-formal a ser pesquisado com mais profundamente e registrado para que seja reconhecida como fundamental à vida do ser humano.

Sob esse prisma, o escotismo se justifica como uma proposta inovadora e ao mesmo tempo tradicional, para dar significativas possibilidades de mudanças na educação e na sociedade de forma geral, como educação não-formal desenvolvida há mais de um século pelo ME ao redor de todo o mundo.

O uso de tecnologias assistivas na educação a distância para formação de adultos no Movimento Escoteiro

SAFANELLI, Arcângelo dos Santos

arcangelo.safanelli@escoteiros.org.br

Membro do Movimento Escoteiro desde 1986. Equipe Regional de Gestão de Adultos da Região de Santa Catarina (ERGA/SC). Membro da Comissão Fiscal Regional (UEB/SC) e da Equipe Nacional de Ensino a Distância. Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Estágio Pós-Doutoral em Design (UFSC)

KLAES, Luiz Salgado

l.klaes@ufsc.br

Membro do Movimento Escoteiro desde 1957. Equipe Regional de Gestão de Adultos da Região de Santa Catarina (ERGA/SC). Membro da Comissão Fiscal Nacional (UEB). Professor colaborador no Departamento de Administração (CAD – UFSC). Doutor em Engenharia de Produção (UFSC) Professor no Programa de Pós-Graduação em Design

MERINO, Eugenio Andrés Díaz

eugenio.merino@ufsc.br

Professor no Programa de Pós-Graduação em Design (POSDESIGN) e no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (PPGEP) na UFSC. Doutor em Engenharia de Produção (UFSC)

MERINO, Giselle Schmidt Alves Díaz

gisellemerino@gmail.com

Professora no Programa de Pós-Graduação em Design na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e no Programa de Pós-Graduação em Design na UFSC. Doutora em Engenharia de Produção (UFSC). Pós doutora em Fatores Humanos (UFSC)

RESUMO

A Educação a Distância (EaD) se constitui num recurso de incalculável importância para atender grandes contingentes de alunos, de forma mais efetiva que outras modalidades e sem riscos de reduzir a qualidade dos serviços oferecidos em decorrência da ampliação da clientela atendida. A legislação assegura que todas as Pessoas com Deficiência (PcD) tenham acesso à educação, à saúde, ao lazer e ao trabalho, entre outros direitos. Na perspectiva da educação inclusiva, as tecnologias assistivas podem favorecer a participação do cursante com deficiência nas diversas atividades do aprendizado, vinculadas aos objetivos educacionais comuns. O presente artigo objetiva identificar o uso de tecnologias assistivas em EaD, visando a inclusão dentro desta modalidade de ensino. Quanto aos procedimentos metodológicos, buscou-se o



método qualitativo, componentes de uma pesquisa exploratória, e revisão bibliográfica. Foram pesquisados e apresentados oito modelos de tecnologia assistivas para PcD. A contribuição prática desta pesquisa concretiza-se na proposição de um roteiro para auxiliar gestores e formadores, para que possam implementar os recursos das tecnologias assistivas para cursantes com deficiência, nos cursos EaD, e ainda despertar na União dos Escoteiros do Brasil (UEB), a necessidade de promover a formação continuada dos adultos voluntários no uso e emprego dos recursos tecnológicos aplicados à educação, atendendo ao objetivo 4 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) – Educação de Qualidade.

Palavras-chave: Educação a Distância (EaD). Pessoas com Deficiência (PcD). Tecnologias Assistivas. Acessibilidade. Formação de Adultos no Movimento Escoteiro.

1. INTRODUÇÃO

Quando Baden-Powell escreveu e publicou a obra “*Scouting for Boys – Escotismo para Rapazes*”, ele jamais imaginou as dimensões que sua criação chegaria a ter. Por conta disso, o aprendizado dos primeiros chefes escoteiros ocorria sem uma organização formal, baseada, quase que exclusivamente na experimentação. Com o crescimento e desenvolvimento do Movimento Escoteiro, Baden-Powell sentiu a necessidade de organizar a formação dos chefes escoteiros de uma maneira mais metódica. Com isso, por volta de 1909, começaram a ocorrer em Londres, os primeiros cursos de formação escoteira, como o que foi realizado durante o inverno de 1909, em Richmond, Londres. Estes cursos continuaram a ocorrer, no decorrer de 1910, organizados por Baden-Powell normalmente numa única tarde. Houve ainda um curso com uma duração maior que ocorreu de 04 a 07 de fevereiro de 1911 em Elstree, nos arredores de Londres. Esses primeiros cursos foram interrompidos com o advento da 1ª Guerra Mundial, em 1914. Infelizmente sobreviveram muito poucos registros dessa época inicial do Movimento Escoteiro.

Logo após o fim da guerra, em 1918, o Movimento escoteiro crescia e se desenvolvia em ritmo acelerado. Por isso se tornou necessário que houvesse um determinado local, que servisse tanto como área de acampamento para jovens que não tivessem condições de viajar, quanto como centro de formação, para os futuros chefes escoteiros. Assim em 26 de junho de 1919 surgiu o *Gilwell Park*, um centro internacional para a formação de chefes.

O Século XXI desponta numa nova ordem socioeconômica globalizante envolvida no incremento da educação, da ciência e da tecnologia. Nesse contexto, a educação tem sido um dos motivos pelos quais os governos procuram a minimização das diferenças sociais. Para ser atingido o objetivo não se pode ficar adstrito à sala de aula, limitada ao ensino-aprendizagem, não se descurando aqui, o seu valor (LITTO; FORMIGA, 2009).

A EaD, como modalidade de ensino encurta distâncias, promove a autonomia, beneficia a coletividade e, realiza o processo de ensino e aprendizagem em locais onde o ensino presencial não pode atuar pelos mais diversos motivos (FERREIRA; ELIA, 2013).

De acordo com a Constituição Federal (CF) é dever do Estado e da família, proporcionar o direito à educação, promovendo o pleno desenvolvimento da pessoa, preparando-a para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, art. 205). Conforme o art. 3º da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) e do art. 206 da CF (BRASIL, 1988), o ensino será ministrado com base no princípio da igualdade de condições



para o acesso e a permanência na escola. De tal modo, é a educação um dos mais importantes instrumentos de inclusão social, essencial para a redução das desigualdades no país (BRASIL, 2001).

Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (BRASIL, 2015), amplamente conhecida como Lei Brasileira de Inclusão (LBI), visa assegurar que todas as Pessoas com Deficiência (PcD) tenham acesso à educação, à saúde, ao lazer e ao trabalho, entre outros direitos.

A publicação do Decreto nº 9.057, de maio de 2017 (BRASIL, 2017), reforça que a EaD é uma modalidade educacional na qual o processo de ensino e aprendizagem se desenvolve a partir da mediação didático-pedagógica por meio de tecnologias de informação e comunicação, integração de pessoal qualificado, reconhecimento das políticas de acesso, entre outros, de modo a atender o desenvolvimento a qualquer lugar em qualquer espaço.

O documento Política Nacional de Adultos no Movimento Escoteiro (PNAME) da União dos Escoteiros do Brasil (UEB), prevê o uso da EaD na formação:

A utilização da educação a distância deverá complementar o processo de formação de voluntários dos Escoteiros do Brasil a partir de iniciativas de formação personalizada, continuada, eficaz, flexível, que estimule a autoaprendizagem e o desenvolvimento de competências necessárias para o desempenho satisfatório da função do adulto voluntário, em todas as linhas e níveis de formação (PNAME, 2019, p. 20).

Neste sentido, o presente artigo, amparado em dissertação de mestrado e em tese de doutorado (SAFANELLI, 2020; LIMA, 2022), objetiva identificar o uso das tecnologias assistivas em EaD, visando a inclusão dentro desta modalidade de ensino, em cursos EaD na UEB, de modo a favorecer o acesso ao aprendizado do adulto escotista.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação à distância: origens, conceito e importância

As transformações tecnológicas que ocorreram e vem ocorrendo a partir do final das últimas décadas do Século XX, são tão rápidas, amplas e profundas que as pessoas nas mais diferentes sociedades não têm tido tempo suficiente para poder desenvolver o seu aprimoramento, bem como refletir sobre o resultado. No campo educacional, a situação não é muito diferente e ainda por vezes é mais sério o problema, visto que a educação não tem acompanhado a transformação, resultando em atitudes contraditórias, a ignorar os acontecimentos das inovações. Diariamente a indústria da comunicação e informação derrama um sem número de novidades atraindo crianças, jovens, adultos e até os idosos para um mundo fantástico de sons e imagens muito mais confortáveis, lúdicos e sedutores do que os simples textos impressos que são muitas vezes mais exigentes do ponto de vista do processo ensino-aprendizagem (SAFANELLI, 2020).



Assis e Abranches (2021) revelam que por ocasião da pandemia ocasionada pelo Covid-19, houve um aumento na utilização de ensino remoto e da própria EaD, dado que as plataformas digitais online foram o principal suporte tecnológico para a mediação pedagógica. O período pandêmico antecipou a tendência de se romper a dicotomia dos ensinos presencial e a distância. Nesse contexto, se faz necessário incentivar as discussões sobre a concepção de novos modelos pedagógicos para EaD a fim de balizar os caminhos a serem percorridos em momentos de transição paradigmática.

2.2 Acessibilidade

Os sistemas educacionais devem assegurar não apenas o acesso de PcD à educação, mas também condições para que elas acompanhem seus cursos adequadamente (LIMA, 2022).

2.3 Dados sobre deficiência no país

Dados da Pesquisa Nacional de Saúde, realizada pelo IBGE (2019), em parceria com o Ministério da Saúde, apontam a existência de 17,3 milhões de PcD acima dos 2 anos de idade, ou 8,4% da população brasileira, sendo que 14,4 milhões encontravam-se em domicílios urbanos (8,2%) e 2,9 milhões em domicílios rurais (9,7%).

2.4 Tecnologias Assistivas

Vive-se em uma sociedade onde as tecnologias têm originado novos instrumentos que visam acelerar a comunicação, modificar a produção, e as relações humanas em suas atividades. Tais acontecimentos têm gerado efeitos sociais que merecem a atenção das instituições de ensino, de seus profissionais. Nesse contexto, Kenski afirma que as tecnologias ampliam as possibilidades de ensino para além do espaço física de professores (formadores) e alunos (cursantes) no mesmo ambiente de aprendizagem (KENSKI, 2012).

Entretanto, sabe-se que os formadores, bem como toda a sociedade, foram surpreendidos de forma súbita pelo encadeamento pandêmico, demandando o empenho significativo das secretarias de educação, universidades, escolas, docentes, diretores e coordenadores, na busca por múltiplas formas de métodos para impedir a evasão dos estudantes (como dos adultos voluntários da UEB), tornando-se imperativo a reinvenção das práticas pedagógicas. No novo contexto social em que se vive, a inclusão não pode ficar alienada no campo das ideias (SAFANELLI, 2020; LIMA, 2022)

3. METODOLOGIA

Para a elaboração da presente pesquisa, foram utilizadas metodologias que auxiliam sua elaboração, pela abordagem qualitativa, sendo a pesquisa exploratória e bibliográfica norteadoras do trabalho.

4. RESULTADOS

A CF e a LDB garantem o direito de todos à educação e asseguram a oferta da EaD voltada à inclusão das PcD, legislação educacional e diretrizes institucionais; porém as estratégias normativas, por si, não têm garantido a inclusão. Os cursos de EaD podem ser compreendidos como sinônimo da democratização do ensino, tendo em vista a possibilidade de levar acesso à educação a todos. No entanto, percebe-se que as propostas de democratização ainda encontram barreiras de acessibilidade às pessoas com deficiência, e que, no contexto educacional, o uso das tecnologias pode contribuir para a ampliação de novas possibilidades de organização do processo de ensino e aprendizagem (LIMA, 2022).

Conforme a pesquisa bibliográfica e com base no trabalho de dissertação de mestrado (LIMA, 2022), apresentam-se alguns modelos de tecnologia assistivas para cursantes com deficiência:

- DOSVOX.
- NVDA (NonVisual Desktop Access)
- ORCA.
- JAWS (Job Access With Speech)
- MEcDAISY
- HAND TALK
- VLibras
- ENABLE VIACAM

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresentou a proposta de identificar tecnologia assistivas em EaD, visando a inclusão dentro desta modalidade de ensino, demonstrados pelos oito modelos de tecnologia assistivas para PcD.

As tecnologias assistivas têm se estabelecido como uma das principais formas de mediação da educação inclusiva nas instituições de ensino, pois possibilita promover a autonomia, a comunicação, o empoderamento e a inclusão da PcD. Desse modo, a sua implementação será tão mais efetiva quanto maior foi a formação e a capacitação dos formadores e seu envolvimento com o emprego de tais recursos junto aos cursantes com deficiência (LIMA, 2022).

Observou-se a necessidade de promover a formação continuada dos adultos voluntários na UEB no uso e emprego dos recursos tecnológicos aplicados à educação, contribuindo assim, ao atendimento da legislação pertinente à inclusão, e de igual forma, atender ao objetivo 4 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) – Educação de Qualidade.



REFERÊNCIAS

ASSIS, M. DOS S. DE; ABRANCHES, S. P. Modelos Pedagógicos para Educação a Distância: uma Revisão Sistemática. *EaD em Foco*, v. 11, n. 1, 26 nov. 2021. <https://doi.org/10.18264/eadf.v11i1.1581>

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. Decreto nº 3.956, de 8 de outubro de 2001. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Brasília, DF, 2001.

BRASIL. Decreto n. 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 2015.

IBGE. Pesquisa nacional de saúde. Coordenação de Trabalho e Rendimento, Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, 2019.

KENSKI, V. M. Das salas de aula aos ambientes virtuais de aprendizagem. In: *Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papyrus, 8ª ed., 2012.

LIMA, Letícia Aparecida Alves de. O (des)uso das tecnologias assistivas na educação a distância no contexto da educação profissional / Letícia Aparecida Alves de Lima. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias) – Centro Universitário Internacional UNINTER. Curitiba, 2022.

LITTO, Frederic Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel. *Educação à distância: o estudo da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

PNAME (POLÍTICA NACIONAL DE ADULTOS NO MOVIMENTO ESCOTEIRO). União dos Escoteiros do Brasil (UEB). Curitiba, 2019.

SAFANELLI, Arcângelo dos Santos. Medida do perfil dos ingressantes em cursos a distância por meio da Teoria da Resposta o Item. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis, 2020.

Atualização do Programa Educativo dos Escoteiros do Brasil

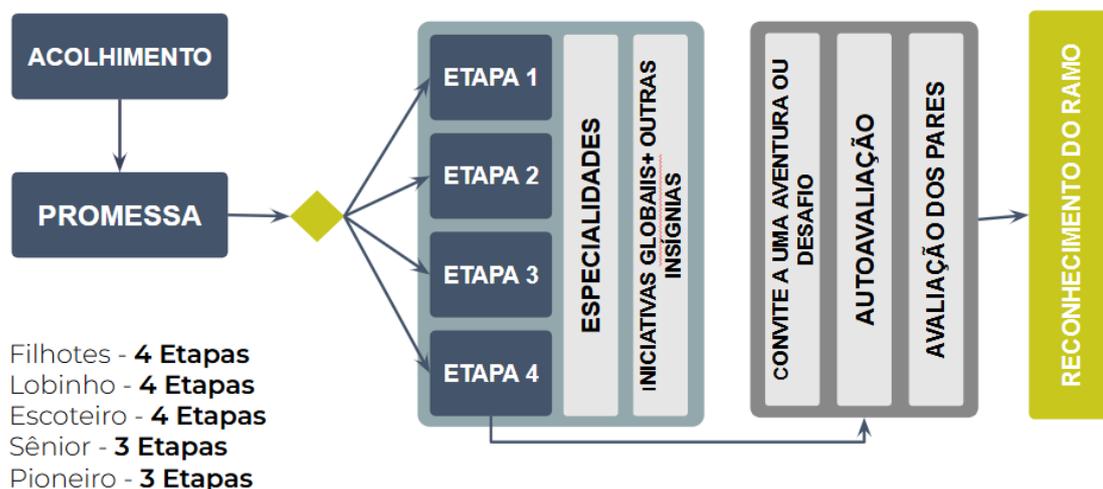
Aline Teixeira Conde
Vitor Augusto Gay
Marcos Carvalho

O seminário sobre a atualização do Programa Educativo dos Escoteiros do Brasil detalha o processo de revisão e aperfeiçoamento da proposta educativa e suas ferramentas, de modo a garantir sua relevância e atender as demandas de crianças, adolescentes e jovens da atualidade. O modelo proposto segue a metodologia GPS (Guide to Youth Programme in Scouting), que permite a atualização contínua do programa com base em pesquisas, investigações e coleta de dados. A atualização foca em um programa simples, flexível, desafiador, inclusivo e alinhado às necessidades contemporâneas da juventude.

A nova estrutura mantém as seis áreas de desenvolvimento (físico, intelectual, caráter, afetivo, social e espiritual) como estrutura de desenho e os eixos de progressão (meio ambiente, paz e desenvolvimento, saúde e bem-estar e habilidades para a vida), como interface com os associados, tanto jovens quanto adultos. As competências e oportunidades de aprendizagem são organizadas em blocos de atividades, garantindo intencionalidade educativa e a progressividade. Além disso, o sistema de progressão pessoal foi reformulado para enfatizar o desenvolvimento integral, priorizando valores, participação e cooperação, valorizando experiências de vida ao ar livre.



Estrutura do Sistema de Progressão



Entre as principais novidades, destaca-se a criação do Ramo Filhotes, voltado para crianças de 5 a 7 anos. Estruturado como um “Território de Brincar, Aprender e Crescer Juntos”, o novo ramo se baseia na socialização, imaginação e experiências coletivas, respeitando as especificidades da primeira infância. Além disso, a transição entre os ramos foi aprimorada, estabelecendo procedimentos bem orientados, distintivos específicos e atividades que preparam os jovens para novas etapas do Movimento Escoteiro.

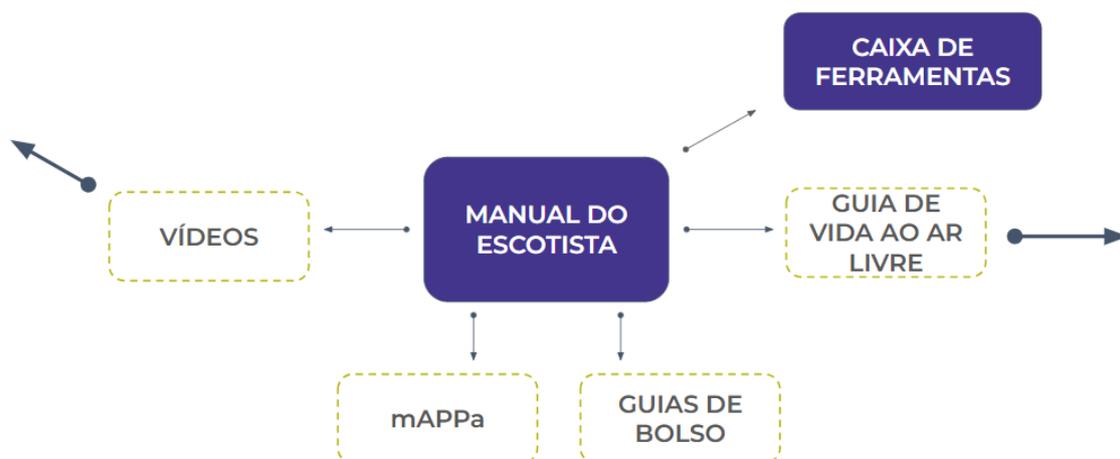
O Reconhecimento dos Ramos, ressignificando os Distintivos Especiais, considera o envolvimento ativo do jovem na unidade, a vivência dos valores escoteiros e a participação na comunidade, tornando o processo mais significativo e conectado à realidade dos jovens. A reformulação também inclui a reorganização das especialidades, que passam a privilegiar a prática e a experimentação, promovendo autonomia e aprendizado contínuo, com uma estrutura de implementação distinta entre os ramos menores (Lobinho e Escoteiro) e os ramos maiores (Sênior e Pioneiro).

Especialidades - Estrutura

Filhotes	Lobinho	Escoteiro	Sênior	Pioneiro
Não disponíveis para o ramo	Itens em níveis		Projetos	
	Espaços de descoberta + Experimentação		Vocação	
	Certificação externa deve ser estimulada e considerada			
	Realizadas individual ou coletivamente			
	Conjunto de itens sugeridos		Projetos em áreas sugeridas	
	Podem ser examinador de especialidades			

A implementação da atualização será acompanhada por materiais educativos renovados, como manuais, guias de bolso, vídeos e a plataforma digital mAPPa, facilitando a aplicação do programa nas unidades escoteiras. Os próximos passos incluem capacitações regionais, webinários temáticos e seminários de formação, garantindo a transição eficaz para o novo modelo.

Sistema de Recursos Educativos



A atualização do Programa Educativo dos Escoteiros do Brasil busca fortalecer o Projeto Educativo, promovendo um Movimento Escoteiro mais acessível, estimulante e impactante para os jovens, alinhado aos desafios do século XXI.

Voluntariado flexível, modelos de voluntariado e saúde mental

A prática do voluntariado constitui-se pelo *esforço exercido pelo cidadão para sua sociedade ou para um determinado grupo sem esperar uma recompensa material por esses esforços sejam eles pessoais ou esforços financeiros.* (Rede Árabe de ONGs, 2001). Baseando-se nesta ideia, de que aquele que pratica o ato de voluntariar-se não aguarda recompensa material, quais seriam as motivações para dedicar-se a uma causa? No ano de 2021 o IDIS (Instituto para o Desenvolvimento Social) realizou uma pesquisa sobre o panorama geral do voluntariado no País, no qual indica que a principal motivação que leva as pessoas à esta prática é o fato de sentirem-se solidárias. Considerando que 2021, a planeta estava encerrando um ciclo difícil de sua História, ainda combatendo e compreendendo quais seriam os impactos da Pandemia do COVID-19, constatar este interesse, o de ajudar o próximo, e portanto contribuir com o cuidado dos outros, revelou ao Movimento Escoteiro uma gama de possibilidades e necessidades, estas relacionadas à necessidade de ampliar o cuidado e suporte às pessoas interessadas em aderir à Missão do Movimento Escoteiro e também aproveitar seus talentos e disponibilidade de maneira eficaz, gerando experiências positivas nesta atividade e por consequência a satisfação destas pessoas.

Ocorre que no exercício desta doação de tempo e capacidades, quando mal administrada a esta participação, pode gerar ao contrário de benefícios, um desequilíbrio na vida de seus participantes o que também demanda um cuidado institucional. Fazendo com que as organizações devam cuidar de seus voluntários, para tal constitui-se uma área, conhecida como "Gestão de Adultos", com o objetivo final de cuidar de cada um, no caso dos Escoteiros do Brasil, adultos comprometidos com sua missão.

Podemos compreender melhor esta ideia de participação, observando o *Modelo de Gestión de Adultos*, proposto pelo Centro de Apoio Interamericano do Movimento Escoteiro - CAI. Neste modelo podemos observar que cabe à área de adultos proporcionar as condições (Boa captação, bom treinamento, acompanhamento e um processo de adequado de reconhecimento e avaliação) para que os voluntários possam gerir outros adultos, as instâncias institucionais e a aplicação do Programa Educativo de maneira adequada, para que assim o impacto previsto pelo Projeto Educativo da Organização seja cumprido.





O debate ganha cada vez mais amplitude, os problemas gerados pelo cenário pandêmico e também por referenciais nem sempre saudáveis de participação adulta, têm por consequência o acúmulo de funções, causando desequilíbrio entre as diversas dimensões que compõem a vida do indivíduo (Trabalho, voluntariado, família, amigos, religiosidade/espiritualidade ou a necessidade de descansar tão somente.). A associação de Escoteiros dos Estados Unidos (Scouts of America) em seu site, traz o texto *"Como o Voluntariado traz um significado especial à nossa Missão"*, no qual podemos destacar o seguinte trecho:

"O voluntariado, embora honroso, pode" ser algo complicado. Já vi muitos grandes voluntários dedicarem-se à serviço dos seus jovens, unidades e conselhos – quase excluindo todo o resto. Embora a sua dedicação seja louvável, esse espírito voluntário também deve estender-se a todo o espectro de suas atividades da vida – como a família, a comunidade, a fé e o emprego – para aproveitar ao máximo o tempo que dedicam ao serviço dos jovens."

Diante deste paradigma, é possível então considerar que a participação da pessoa no Movimento Escoteiro, na condição de voluntário não é autossuficiente, de acordo com o documento *"O Voluntariado Escoteiro"*, publicado pelos Escoteiros do Brasil no ano de 2021, a participação sadia de adultos no Movimento Escoteiro, deve contar a afirmação do *"Benefício Triplo"* ideia que envolve a integração de benefícios para a Organização Escoteira, para a comunidade e a própria pessoa que pratica o voluntariado.

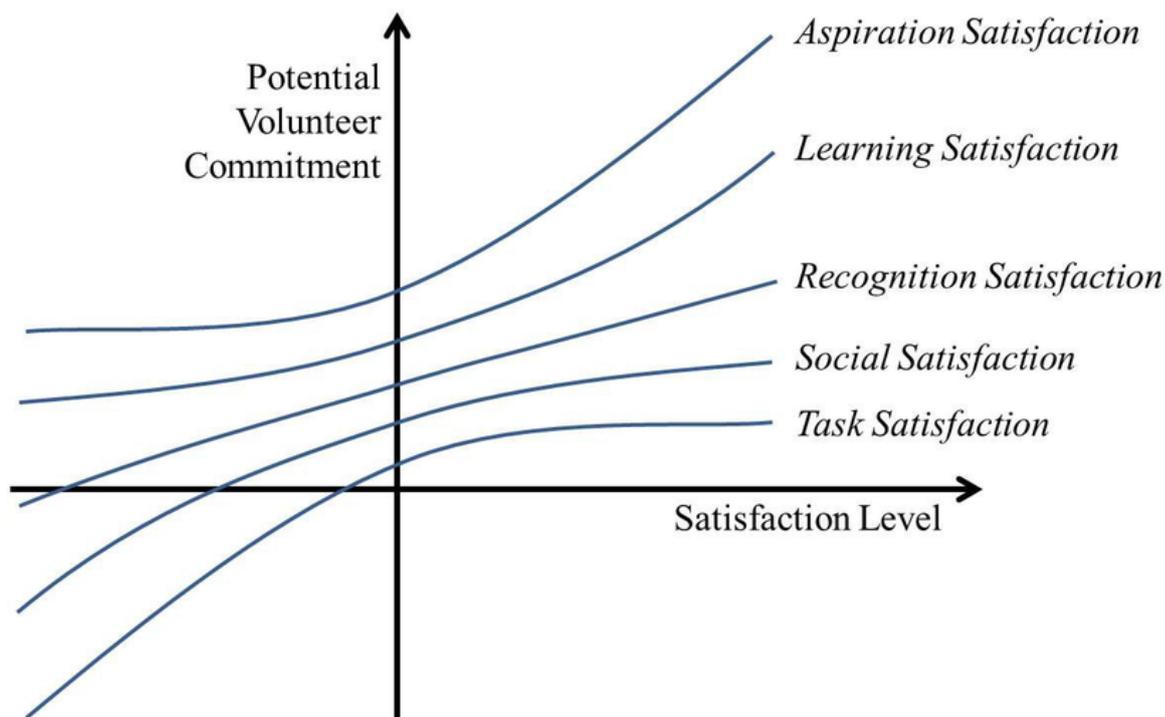
Assim, cabe a Organização Escoteira realizar o monitoramento de indicadores relacionados à estes três elementos e no que diz respeito às pessoas, também identificar quais são os problemas e qualidades de seu programa de voluntariado, com o intuito de avaliar especialmente os níveis de satisfação destes adultos.

OS TIPOS DE SATISFAÇÃO

A satisfação é um fator que influencia diretamente na participação voluntária em qualquer organização. A partir dela os níveis de desempenho, retenção, aprendizado e engajamento são afetados, gerando impacto em todas as áreas da organização. Jurgen Willems, *Chefe do Instituto de Gestão Pública e Governança - Diretor do Programa MBA Gestão de Saúde (WU Executive Academy)*, apresenta em seu artigo *The Volunteer Satisfaction Model: A Practical Framework to Improve Volunteer Management Practices* (sem tradução para o português) a ideia de que para manter os voluntários de uma organização satisfeitos, é necessário atender cinco tipos específicos de satisfação: *Satisfação com as condições para o desenvolvimento de suas tarefas, satisfação social, satisfação em relação ao reconhecimento recebido, satisfação sobre seus aprendizados e satisfação sobre suas aspirações.*

Willems relaciona estes tipos de satisfação a dois conceitos importantes: As condições para a atuação dos voluntários e os fatores que contribuem para o aumento do desempenho e engajamento das pessoas envolvidas nesta atuação. Esta análise considera que os tipos de satisfação relacionados ao desenvolvimento das tarefas do dia a dia e a sociabilidade, são condições básicas para a manutenção e retenção dos voluntários na organização. Outros dois tipos de satisfação, os relacionados ao aprendizado e às aspirações individuais, são fatores que contribuem para o aumento do engajamento e envolvimento da pessoa nas diversas tarefas e funções existentes na organização escoteira. Por fim, o tipo de satisfação diretamente ligado ao reconhecimento, é um fator/condição, pois influencia tanto na retenção das pessoas, como também no impulsionamento do interesse do indivíduo na participação de novos projetos e o aumento de seu compromisso frente ao voluntariado.

Este marco de referência apresentado acima, amplia a visão a respeito dos processos de gestão relacionados às pessoas que decidem contribuir com determinada causa voluntariamente e torna evidente a ideia de que a área encarregada pela gestão destas pessoas não se trata de uma "área de treinamento", tão pouco uma área que "supervisiona e avalia" o trabalho dos demais.



O VOLUNTARIADO FLEXÍVEL

É nesta perspectiva, a de repensar a participação das pessoas dentro de uma organização, pautados sob a necessidade de manter altos os níveis de satisfação e engajamento de cada um, que o conceito de *Voluntariado Flexível* é discutido como tendência. O cenário gerado pela pandemia do COVID-19 fez repensar toda a ideia de participação e manutenção de ações voluntárias, não apenas no Brasil como em todo o mundo. Novas ideias a respeito do emprego de habilidades, disponibilidade das pessoas e local para o desenvolvimento da atividade voluntária entraram em pauta e fazem surgir uma ideia de que os modelos tradicionais de voluntariado podem limitar as possibilidades de participação somente à pessoas que congregam um conjunto de condições que por vezes não são possíveis de serem atendidas por interessados em contribuir com a missão da organização da qual deseja se voluntariar.

O Voluntariado flexível então, surge como alternativa, apresentando-se como um modelo que proporciona liberdade no cumprimento de tarefas e a escolha de oportunidades de acordo com conjunturas que beneficiem as três partes envolvidas na ideia de um voluntariado saudável (Organização, comunidade e indivíduo). Têm a sua importância impulsionada justamente pelo contexto acima apresentado (uso de novas tecnologias, habilidades, condições de trabalho, família e disponibilidade de tempo. E apresenta como benefícios diretos o aumento no quadro



de voluntários (dada a ampliação da oferta), uma alocação de pessoas melhor distribuída em relação às competências das pessoas e também com o recorrente aporte de novas ideias, a criação de uma cultura de inovação.

A Organização Mundial do Movimento Escoteiro, começa a trabalhar sobre esta tendência, uma vez que em seus meios de comunicação, inicia-se um processo de divulgação das possibilidades para esta prática, assim por ela definidas em 4 possibilidades no artigo *New Ways of Volunteering: An Evolving Innovation for Flexibility and Inclusion*, desenvolvido pelo Centro de Apoio Europeu da OMME. As possibilidades de trabalhar o voluntariado de maneira flexível são tipificadas como:

- Voluntariado Digital
- Micro Voluntariado
- Voluntariado Baseado em Habilidades/Multitarefa
- Voluntariado Mesclado

Cada um destes, de acordo com suas características, podem atender de novas formas os interesses das pessoas que querem praticar voluntariado em suas localidades e são um incentivo para que as Unidades Escoteiras Locais, possam investigar alternativas para o atendimento de suas necessidades.

VOLUNTARIADO E SAÚDE MENTAL

Se por um lado, explorar novas possibilidades de participação de voluntários é importante, a outra face da moeda também é igualmente relevante: Cuidar das pessoas. É crescente a preocupação das organizações escoteiras a respeito das condições de saúde mental por parte de seus associados. As premissas já discutidas neste texto a respeito da necessidade de manter um alto nível de satisfação por parte dos voluntários, também gera uma constante preocupação sobre quais procedimentos são realizados para manter o bem-estar das pessoas e as condições psicológicas dos associados, especialmente aquelas relacionadas à atuação direta destas pessoas é fundamental.

No entanto, até o momento pouco se encontra, quando pesquisamos ferramentas e publicações que tratem da temática (saúde mental para voluntários) nas organizações escoteiras. Obviamente a preocupação em cuidar da saúde dos beneficiários do escotismo (ou comumente tratados por "*Jovens*"), é legítima e urgente, no entanto tão urgente é falar sobre as condições encontradas pelos educadores escoteiros, que ocupam as mais variadas funções que mantêm a organização e o Movimento existentes nos diversos territórios do país e do mundo.

Um cenário preocupante em relação a população adulta brasileira, indica que a comercialização de antidepressivos e estabilizadores de humor cresce a cada ano, e de acordo com o Conselho Federal de Farmácia, a venda deste tipo de medicamentos cresceu cerca de 58% entre os anos de 2017 e 2021. Outro dado que chama atenção é o fato do crescimento do consumo destas medicações em 12% no primeiro trimestre do ano de 2024, em relação ao mesmo período do ano de 2023, entre a faixa etária de 39 a 48 anos.

E POR QUÊ, DEVEMOS NOS PREOCUPAR COM ESTES NÚMEROS?

O Efetivo total de adultos no Escotismo no mês de novembro de 2024 somou 26098 pessoas, das quais poderemos analisar quantitativamente por faixa etária da seguinte forma:

Faixa Etária	Número de Pessoas
18+	593
22+	3713
30+	4683
40+	9306
50+	5159
60+	1863
70+	659
80+	105
90+	17
Total	26098

Observar os dados acima, faz perceber que da totalidade de voluntários do quadro dos Escoteiros do Brasil 19148 pessoas potencialmente poderão utilizar ou já utilizaram medicamentos relacionados ao tratamento de enfermidades mentais/reguladores de humor, mais uma evidência da necessidade dos cuidados relacionados às condições e bem-estar das pessoas da organização.

Porém, ao retomar a ideia de que faltam orientações relacionadas à saúde mental de voluntários, buscam-se outros referenciais para o trato com pessoas, e o mercado de trabalho, embora não constituindo um paralelo exato, acaba por se tornar a realidade mais próxima a ser considerada quando trata-se de possíveis sinais a serem observados no cuidado às pessoas.

Podemos considerar que é importante observar os seguintes comportamentos (interpretados sob a realidade da atividade voluntária) de acordo com a Vidalink em sua publicação Saúde Mental Além da Teoria:

- Queda na frequência e participação nas atividades
- Aumento da irritabilidade
- Aparência de cansaço
- Alteração de humor repentina
- Negatividade em relação aos processos e novas ideias
- Apatia nas reuniões

- 
- Falta de interesse com o cumprimento dos planos estabelecidos
 - Baixo sentimento de realização e felicidade na prática do voluntariado
 - Ansiedade
 - Distanciamento dos colegas e amigos da UEL

A oferta de suporte à pessoas que apresentam estes comportamentos e a estruturação de ações relacionadas à aplicação de políticas relacionadas à segurança e bem-estar, são avanços importantes para as organizações escoteiras, no Brasil já existem ações relacionadas ao assunto, tais como capacitações, abertura de espaços para a escuta ativa e o incremento da comunicação sobre os cuidados necessários para um voluntariado sadio e equilibrado em relação aos outros aspectos da vida do indivíduo.

CONCLUSÃO

O debate sobre a temática do voluntariado vem ganhando cada vez mais relevância, podemos citar a Política Nacional de Adultos no Movimento Escoteiro, como um marco importante ao considerar a participação integral do indivíduo e o processo de gestão do ciclo de vida como elemento que organiza e demanda procedimentos para a boa participação das pessoas no Escotismo.

É dever da organização escoteira, prover as condições e refletir constantemente sobre novas possibilidades de atuação, buscando gerar uma experiência enriquecedora e que possa contribuir para a satisfação pessoal daquelas pessoas que decidem doar seu precioso tempo e habilidades para o cumprimento de uma missão tão nobre, como é a ideia de construir um mundo melhor.



Recomendações do 3º Congresso Brasileiro de Educação Escoteira

1 - Integrar as Dez Direções Transformadoras no escopo do próximo Planejamento Estratégico dos Escoteiros do Brasil, incentivando ações concretas que promovam inovação, diversidade, relevância e impacto social;

2 - Aprofundar a relação entre o Escotismo e a Academia por meio de parcerias com universidades e centros de pesquisa, de modo a consolidar a educação escoteira como uma referência em educação não-formal.

3 - Estabelecer processos de gestão educativa, de modo que a atualização do Programa Educativo e da Gestão de Adultos seja permanente, efetiva e atenda as demandas e necessidades temporais dos jovens e da sociedade.

4 - Ampliar as possibilidades de atuação dos adultos voluntários nos Escoteiros do Brasil, integrando as novas perspectivas do voluntariado flexível e promovendo a melhoria contínua dos processos de gestão de voluntariado.

5 - Reafirmar a ênfase do Escotismo na vida ao ar livre, promovendo experiências educativas conectadas com a natureza, que estimulem o desenvolvimento integral dos jovens, o senso de pertencimento e a responsabilidade com o desenvolvimento sustentável.



ESCOTEIROS
DO BRASIL

